

Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Língua e Literatura Vernáculas

ESTRUTURAS SUBJACENTES DE ALGUNS TIPOS DE FRASES DECLARATIVAS
AFIRMATIVAS DO DIALETO GAVIÃO-JÊ

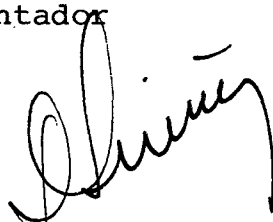
Dissertação Submetida à Universidade Federal de Santa Catarina
para a Obtenção do Grau de Mestre em Lingüística

LEOPOLDINA MARIA SOUZA DE ARAÚJO

Abril de 1977

Esta dissertação foi julgada adequada
para a obtenção do Grau de Mestre em
Letras e aprovada em sua forma final
pelo Programa de Pós - Graduação

Prof. Dr. Carl Harrison
Orientador



Profa. Dra. Doloris Ruth Simões de Almeida
Integradora

Banca Examinadora:

Maíra Maria Surlanetto
[Handwritten Signature]
[Handwritten Signature]

Í N D I C E

Símbolos e Abreviaturas usados.....	iii
Resumo.....	v
Abstract.....	vi
Introdução	1
1. Metodologia e Amostragem.	
1.1. Objetivo.....	4
1.2. Metodologia da pesquisa.....	5
1.3. Corpus (palavras).....	17
1.4. Corpus (frases)	23
Notas ao capítulo 1	34
2. Posicionamentos Teóricos.....	36
Notas ao capítulo 2	56
3. Sistema Gavião	
3.1. Estrutura de superfície.....	57
3.2. Componente lógico-semântico-sintático.....	68
3.3. Algumas estruturas oracionais típicas.....	81
3.4. Matriz fonológica.....	97
3.5. Notas para as regras do componente fonético.....	103
Notas ao capítulo 3.....	106
Observações finais.....	108
Anexo 1	111
Anexo 2	112
Anexo 3	113
Anexo 4	130
Anexo 5	131
Anexo 6	132
Bibliografia	

SÍMBOLOS E ABREVIATURAS USADOS

Transcrição dos sons

ɱ ɲ	nasais silábicas
t	contóide oclusivo pós-dental surdo oral
tʃ ^v e ʃ ^v	contóide oclusivo africado álveo-palatal surdo e consoante correspondente
s ^v	contóide fricativo álveo-palatal surdo oral
z ^v	contóide fricativo álveo-palatal sonoro oral
r ^v	consoante vibrante simples alveolar sonora (flap)
ɛ	vocóide central médio aberto não-arredondado oral
ə	vocóide central médio fechado não-arredondado, oral
o	vocóide posterior médio aberto arredondado oral
ɛ	vocóide anateior médio aberto não-arredondado oral
e [˘] o [˘] ə [˘] ɛ [˘] ʌ [˘]	vogais assilábicas

Corpus e Gramática

*	(ã esquerda) elemento agramatical
→	regra de reescritura do Componente L.S.S.
⇒	regra transformacional do Componente L.S.S.
()	elemento opcional
n n	limite de proposição (n é o número correspondente)
##	limite de frase (silêncio)
[]	transcrição fonética
/ /	transcrição fonêmica

Gramática

PROP	Proposição
Σ	Sentença
PERF	Performativo
PRED	Predicado
ARG	Argumento
VBO	Verbo
INTL	Interlocutor
NDOR	Nomeador
K	Caso
A	Agente
E	Experimentador
M	Meta
O	Objetivo
L	Locativo
I	Instrumento
T	Temporal
OR	Origem
REL	Relator
TPOE	Tempo
PASS	Passado

RESUMO

Esta dissertação procura explicar a estrutura subjacente de algumas frases declarativas afirmativas do dialeto Gavião falado por um grupo de índios que habitam às margens do igarapé Mãe Maria, no km 30 da rodovia PA 70 - Estado do Pará.

A análise foi feita a partir de princípios teóricos gerativo-transformacionais que propõem uma base semântica para explicar os fatos de superfície, dentre os quais se incluiu a teoria dos casos.

As cadeias foram analisadas apenas até o estágio em que receberiam uma forma fonológica; foi apresentada a matriz fonológica e foram aventadas algumas das regras fonéticas.

Na análise foram retomadas propostas de McCawley, Lakoff, Bach e Fillmore e feitas novas propostas sobre a forma das configurações subjacentes.

A forma da Gramática supõe quatro componentes: dois deles de caráter universal e dois cujas regras são particulares a cada língua, respectivamente, componente lógico-semântico-sintático, componente fonológico, componente fonologizante e componente fonético.

As observações finais dizem respeito à forma de gramática proposta e a aspectos de superfície da frase gavião face às formas subjacentes.

No corpo do trabalho está incluída parte do corpus; são apresentados seis anexos referentes à localização da área em que foi feita a pesquisa, material usado para a coleta das frases, evidência dos fonemas para introdução da ortografia oficial e lista comparativa do Gavião com o Proto-Jê seguindo a lista de Irving Davis.

ABSTRACT

This dissertation tries to explain the underlying structure of some declarative affirmative sentences types of a dialect spoken by the Gaviões - a group of Indians that live at the margin of Mãe Maria, a small river at Km 30 of road PA 70 - Pará, Brazil.

The analysis was done, taking into consideration theoretical principles of generative transformational grammar, that proposes a semantic base to explain the facts on the surface, including case grammar.

The chains were analysed only up the point where they receive a phonological form; offering a phonological matrix and touching upon some phonetic rules.

In the analysis, proposals of McCawley, Lakoff, Bach and Fillmore were considered and new proposals about the underlying configurations are offered as well.

The grammatical form comprises four components: two of which have a universal character and two of which have / rules peculiar to each language: logic-semantic-syntactic component, phonological component, phonologizing component and phonetic component respectively.

The conclusion deals with a grammatical proposal and aspects of the surface form of a gavião sentence compared with underlying forms.

Part of the corpus is included in the body of the work. Six appendixes refer to the area of research, material used for collecting data, phonemic evidences to introduce the official orthography and comparative list of the Gavião and Proto-Jê, according to Irving Davis' list is offered.

INTRODUÇÃO

A teoria lingüística visa à explicação da capacidade humana da linguagem; visa igualmente ao estabelecimento dos universais lingüísticos, isto é, dos pontos comuns a todas as línguas humanas; fazem-se, portanto, necessários estudos de toda e qualquer língua falada por grupos humanos.

Nosso trabalho consiste na descrição e explicação de algumas estruturas de frase do dialeto Gavião. Procuramos fazer a análise dentro da Semântica Gerativa e Teoria dos Casos, mais especificamente, adotando propostas de Emmon Bach, George Lakoff, J.P. McCawley e Ch. Fillmore, conforme expomos no parágrafo dedicado às referências teóricas.

A escolha do dialeto Gavião, sugerida pelo Dr. Harrison, deveu-se ao fato de não existir nenhum trabalho sistemático sobre este dialeto do Jê oriental, falado atualmente por um grupo de cerca de 100 índios que habitam às margens da Rodovia PA 70, no P.I. Mãe Maria.

Fizemos inicialmente pesquisa de campo. Em várias etapas, sucessivas, desenvolvemos o processo simultâneo de análise do material e pesquisa.

Foi nosso principal informante o Sr. Kokrenũm, capitão da aldeia do Km 30, um dos mais antigos do grupo. Além dele, Kruati e Pãrkrejimõkre, dois dos mais novos, também trabalharam conosco.

Esta dissertação está dividida em três capítulos, por sua vez detalhados em subcapítulos e parágrafos numerados.

No capítulo 1., introdutório, situamos o trabalho, justificando-o; descrevemos a coleta dos dados lingüísticos, localizamos a comunidade e damos uma amostra dos dados

obtidos; No capítulo 2 especificamos os parâmetros teóricos de nossa análise.

No capítulo 3, passamos ao assunto central: descrição das frases. Mostramos alguns aspectos da forma de superfície, procurando explicá-los com a teoria que adotamos; estabelecemos as regras do componente lógico-semântico-sintático; estabelecemos uma tipologia e exemplificamos a derivação de cada estrutura; apresentamos a matriz fonológica para o Gavião; fazemos uma nota para um futuro estabelecimento das regras do componente fonético.

Concluimos resumindo as evidências significativas do trabalho e indicando o que, dentre o mais imediato, parece-nos necessário estudar no dialeto Gavião.

Os anexos são em número de seis. O anexo 1. é o mapa de localização do tronco marco-jê, retirado de Melatti, "Índios do Brasil", pag. 46; o anexo 2., mapa de localização do P.I. Mãe Maria, retirado de Arnaud, "Notícia sobre os Índios Gaviões do Oeste"; o anexo 3. dá as evidências de fonemas do Gavião, seguindo a orientação de Pike, "Phonemics"; o anexo 4. e o anexo 5. apresentam dois recursos utilizados na coleta de frases; o anexo 6. é uma lista comparativa do Gavião com as formas propostas por Irving Davis para o Proto-Jê, onde fica evidenciado o pouco distanciamento entre o dialeto que estudamos e aquelas formas hipotéticas.

Usamos a terminologia da Gramática Gerativo Transformacional. Quanto por algum motivo fugimos a ela, o termo foi explicado em nota. As notas, referidas por ordem numérica, encontram-se no fim de cada capítulo.

No capítulo dedicado ao posicionamento teórico tratamos apenas do referente à análise das frases. A respeito da pesquisa de campo e da fonologia comentamos nos sub-capítulos específicos.

Apresentando este trabalho somos gratas a viversas pessoas cuja orientação, crítica, sugetões e incentivo permitiram a sua consecução:

Prof. Dr. Carl Harrison, do S.I.L
nosso orientador;

Prof. Dr. Jean-Pierre Angenot, da Univ.Nac. do
Zaire e Professor Visitante na U.F.Ba;

Prof. Dr. Paulino Vandresen e Prof. Hilário
Bohn nossos professores no Programa de Pós-Gra
duação;

Profa. Dra. Maria Marta Furlanetto e
Profa. Dra. Terezinha O. Michels, do Programa
de Pós-Graduação em Letras da U.F.S.s.

Sr. Jack Popjes, do S.I.L.

Aos índios Gavião, pela boa-vontade em infor
mar e pela amizade que facilitou nossa estadia em sua terra.

Aos nossos pais e amigos que nos apoiaram e
cobraram este trabalho durante todo o tempo em que o estávamos
fazendo.

O trabalho foi possível graças à permissão da
Funai para que permanecêssemos na aldeia dos Gavião durante o
tempo necessário, nos dois anos que vão de junho de 1974 a ju
nho de 1976.

1. METODOLOGIA E AMOSTRAGEM

1.1. OBJETIVO

Uma dissertação de mestrado em lingüística de ve ser um exercício de prática lingüística. Por esse motivo de sejamos adentrar-nos no campo das línguas de civilizações pré letradas que - como assinalam o Prof. Mattoso Câmara e a Dra. Sarah Gudschinsky (1965) - no Brasil, demandam um estudo adequa do. Em nossos dias, quando assistimos ao desaparecimento de grupos inteiros de índios, tal estudo se faz imperioso.

O conhecimento de um sistema lingüístico se faz paulatinamente e decorre do convívio com seus falantes. Pa ra um primeiro trabalho, portanto, não pretendemos explicar o "sistema Gavião" mas apenas elaborar uma Gramática - dentro de uma orientação teórica (Cap.2) - que nos permitisse observar e explicar certos aspectos da língua em questão. Usamos aqui o termo "gramática" na acepção de Chomsky (1957) i.e., mecanismo capaz de gerar todas e apenas as frases gramaticais de uma lín gua.

Para testar o funcionamento de tal gramática, tomamos o que nos pareciam frases aparentemente semelhantes -na superfície - e estabelecemos uma tipologia destas frases que nos permitiu enquadrá-las em 10 tipos diferentes - posteriormente reduzidos a 8 pela evidência de identidade dos tipos 1 e 2, 4 e 6 na estrutura subjacente.

Fizemos o trabalho sobre uma língua da qual não há estudos sistemáticos, por orientação do Dr. Harrison. Isto significa termos feito um trabalho necessariamente empírico-indutivo, de início, para só depois passarmos à fase hipotético-dedutiva.

1.2. METODOLOGIA DA PESQUISA

1.2.1. Utilidade e finalidade do trabalho de campo

A curiosidade do homem pelo seu principal sistema de comunicação tem-no levado, desde tempos remotos, à pesquisa sobre seu próprio idioma e o de outros povos. Em nossos dias desenvolve-se mesmo o estudo da linguagem animal, como as pesquisas no Japão sobre a "língua" da macaca fuscata (Oliveira Filho, 1968).

A carência de informações básicas sobre as línguas do mundo é um dos motivos, diz Samarin (1967), que leva o homem, hoje, a buscar o registro da fala de seus semelhantes.

A análise de qualquer língua faz-se a partir de um corpus que deve ser levantado e analisado, base para as generalizações sobre o funcionamento do sistema lingüístico. Chomsky, propondo a análise gerativo-transformacional, afirma que a gramática deve refletir a competência e não o desempenho lingüístico. Disto decorre ser o lingüista falante nativo do sistema que pretende explicar, o analista melhor qualificado devido à sua intuição da língua, que lhe permite "sentir" as sentenças gramaticais e/ou aceitáveis; as que de qualquer maneira violam as regras da língua, agramaticais; as que não se encontram em enunciados por diferentes motivos, não aceitáveis.

Um lingüista que se propõe o estudo de um sistema que não o seu, precisaria chegar a uma relativa intuição da língua a estudar que lhe permitisse, tal como a um falante nativo, detetar as variações permissíveis dentro do sistema.

Para iniciá-lo na compreensão da língua, o pesquisador precisa de um falante nativo que o introduza - um informante - e para obter dados mais possível-naturais, espontâneos, faz-se necessário estar com a comunidade falante.

O trabalho de campo é indispensável para a co

leta de dados lingüísticos. Um informante longe de seu meio po de falsear de algum modo os dados ou esquecer informações que são evidentes nas atividades do dia-a-dia. Num grupo, por e xemplo, em que haja variantes lingüísticas de sexo ou de idade bem definidas, sua informação será forçosamente limitada pelas condições pessoais.

O trabalho de campo visa, portanto, colher da dos abrangentes de todo o sistema com um mínimo de interferên cias externas.

1.2.2. Coleta do Corpus

Nosso trabalho desenvolveu-se em várias eta pas. Estivemos na aldeia a primeira vez em fevereiro de 1974. Não ficamos ali por mais de cinco dias já que não dispúnhamos de autorização de FUNAI/Brasília, tendo conseguido apenas um vis to de visita da Delegacia em Belém. Nesta primeira etapa come çamos o preenchimento do Questionário Padrão (1), tendo comple tado as três primeiras páginas.

Voltamos em junho do mesmo ano ficando até se tembro. Neste período, elaboramos listas por assuntos assim es pecificados: 1. Partes do corpo; 2. Habitação; 3. Vestuário; 4. Instrumentos de trabalho; 5. Instrumentos de caça e pesca; 6. Termos de parentesco; 7. Natureza; 8. Plantas; 9. Frutas; 10. Alimentos; 11. Animais. Continuamos o preenchimento do Questio nário Padrão. Recolhemos pequenas frases de indagação, elogios, relacionadas com as atividades ali desenvolvidas. Recolhemos um primeiro texto: a "História do Cachorro".

Estivemos ainda de começo de janeiro ao fim de fevereiro de 1975, com uma interrupção de dez dias em que fomos à aldeia Canela de Barra do Corda, para discutir com o Sr. Popjes do S.I.L. o sistema fonológico do Gavião. Podemos ali observar semelhanças fonéticas e lexicais entre o dialeto Cane la e o Gavião. Neste período recolhemos três textos sobre as brigas que dividiram os Gavião.

Durante o ano de 1975 estivemos na aldeia por dois ou três dias cada dois meses. Em 1976 fomos ao Posto apenas uma vez em maio e uma vez em agosto. Nesta época trabalhamos mais com Krua, conforme descrevemos em 1.2.6.

1.2.3. Descrição da comunidade e motivo da escolha

Os Gavião do Posto Indígena Mãe Maria são os chamados do Oeste (Arnaud, 1975:46). Sua língua é Timbira do Tronco Macro-Jê (2), assim como o Canela, Apinaje, Kraho e Kajapo.

No Posto eles estão divididos em duas aldeias: uma na sede, dos índios que se auto-denominam "parakatejê", a turma de baixo, "Grupo do Cocal", segundo Arnaud (1975), chamados "do Trinta", por estarem no Km 30 da Rodovia PA 70; a outra, afastada quatro quilômetros da sede, os da Ladeira Vermelha, chamados pelos primeiros "Kyjkatejê", a turma de cima, "Grupo do Igarapé dos Frades", Arnaud (1975).

O segundo grupo, no Posto há quase cinco anos à época de nossa pesquisa (Arnaud, id.72), é quase todo ainda monolíngüe. São fisicamente distintos dos da sede: bem mais altos e morenos e de maior vigor físico. A eles o grupo da sede refere-se como "os brabos". Já no primeiro contato, ao perguntarmos o nome para "piolho" percebemos a restrição feita a eles (3). Perguntando:

piolho	obtivemos	i'ko
muitos piolhos	i'koya ^v 'rete'nĩr ^v E
e logo	mara'nãw ^v 'koya ^v 'rete'nĩr ^v E

De início não ficou clara a expressão mais longa. Com a conversa continuada, percebemos que "maranhão" eram os mesmos da Ladeira Vermelha, remanescentes de uma sub-divisão do grupo que, segundo Arnaud, confinou-se nos limites do Pará com o Maranhão sendo de lá trazido em 1970 para o Posto Mãe Maria, onde já habitava o primeiro grupo desde 1964.

O grupo do Trinta era, na ocasião, constituído de 43 pessoas (4). Haviam deixado de incentivar os filhos menores ao uso da língua "a gíria" dizem; deixaram também de pôr nomes indígenas nos filhos caçulas. A respeito disto notamos modificações nas atitudes daquela época para os dias de hoje. Podemos representar três momentos nesta modificação:

1º momento: à época de nossa primeira visita:

- . a mulher do capitão recusa-se a dar seu nome indígena. "Sô cristão. Meu nome é Madalena!"
- . o capitão dá o nome dos filhos: |ra'sem^|, Iracema, a mais velha; |rase'ri |, Iaceli e |'neku |, gêmeos que a se guem; |i'naw| , Rinal, o caçula;

2º momento: em junho, quando voltamos:

- . Madalena afirma chamar-se Pojarĩtiti (5), "que gosta de cheirá as coisas";
- . o filho recém-nascido recebe o nome de Kujarêre "é o nome do meu pai", explica o Capitão;

3º momento: hoje (1977):

- . as mulheres e os homens voltam a cortar os cabelos como no tempo em que viviam no mato;
- . todas as crianças nascidas ultimamente têm nome indígena;
- . recomeçam as festas.

A modificação de atitudes em relação à própria língua e cultura se faz num sentido de "volta às origens". Deve-se isto, parece-nos, de um lado à valorização do próprio idioma, de outro ao fato que o grupo assumiu pela primeira vez o controle da atividade econômica exercida até aqui na condição

de empregados, extração e venda da Castanha do Pará. A atitude inicial de desprezo, muitas vezes manifestado em esquecimento das formas da língua, substituiu-se a determinação de usá-la, assim como retomar os antigos ritos e costumes há muito em desuso (L.F. Pinto, 1976).

Motivo da escolha: Com o grupo da sede mantivemos o contato inicial e continuamos o trabalho. Seguíamos nisso a orientação do Dr. Carl Harrison que aconselhou restringirmos nos ao grupo bilíngüe, em vista do tempo limitado de que dispúnhamos para fazer o trabalho.

1.2.4. Primeiros Contatos

Seguindo a indicação do Dr. Carl Harrison para que estudássemos o dialeto Gavião, procuramos quem a nosso ver melhor os conhecia e podia dar informações sobre o grupo: o Sr. Expedito Arnaud, antropólogo do Museu Goeldi, em Belém, velho amigo dos Gavião desde que manteve contato com os índios recém chegados ao P.I. Mãe Maria. Ele deu-nos acesso a dados de seu material de pesquisa, o que nos permitiu conhecer de antemão algumas das pessoas com quem deveríamos conviver. Em termos de dados lingüísticos, forneceu-nos o que tinha sobre Parentesco.

No primeiro contato para a pesquisa, seguimos basicamente o Questionário Padrão (v. nota 1). Preenchemos apenas as três primeiras páginas já que não dispúnhamos de um local isolado e o gravador era também fonte de curiosidade para as crianças que brincavam em volta.

Nosso informante nesta ocasião foi o próprio capitão da aldeia (6) que ali ficava enquanto os outros homens estavam na mata.

Primeiras dificuldades e soluções: Um dos primeiros problemas com que nos deparamos e que só nos últimos tempos começou a resolver-se foi provocado indiretamente pelo Chefe de Posto que ali atuava quando de nossa primeira visita. Ele

depois de nos apresentarmos, disse que nosso estudo serviria para elaboração de cartilhas. Com isso, a cada vez que ali íamos os índios nos estavam cobrando a cartilha. Depois da chegada de uma professora do Posto - esposa do atual Chefe - é que tivemos oportunidade de ajudar na organização de algum material bilíngüe, mas a cartilha ainda está distante de elaboração, o que para os índios é uma falta muito séria.

O problema da cartilha, entretanto, não interferiu no trabalho tanto quanto questões mais materiais, como a falta de lugar adequado para as entrevistas gravadas, o que nos levou a deixar o uso do gravador só para momento muito importante: como a gravação de pares problemáticos como vogais centrais e posteriores, por exemplo. Nas demais entrevistas usávamos a transcrição direta que se revelou o meio mais prático.

Com nosso informante principal, quando no início do trabalho recolhíamos um vocabulário básico; precisamos convencê-lo da importância deste para nós. Habitado à visita de antropólogos, ele não via muito de que isto nos ia adiantar, preferindo contar sobre os costumes do tempo antigo o que por outro lado muito nos enriqueceu e auxiliou para o entrosamento com o grupo.

Primeiras constatações a respeito da língua

- (i) a maioria dos nomes de animais terminava por [ti] ou [re], terminações que já sabíamos existir, significando respectivamente "grande" e "pequeno", mas cujo emprego insistente nas denominações levou o Sr. Jack Popjes do S.I.L. a classificar o dialeto Gavião de "re ti Canela", i.e., um dialeto Canela que assinala todo nome como "grande" ou "pequeno".
- (ii) os nomes de partes do corpo humano se constituíram em palavras não-alienáveis, como já esperávamos, só utilizadas com uma forma indicadora do possuidor. Por exemplo, não se fala de "cabeça" de modo geral, mas sim "cabeça de..."

No caso:

[i'kra]^v minha cabeça

[i'ɾop0'kra]^v cabeça de cachorro

(iii) a construção dos nomes por justaposição:

[ko'konɔ]^v cabeça

[inã kokono'ɾɛ]^v .. coração (eu dentro cabeça pequena)

[i'aɾ'kwa]^v minha boca

[ko]^v água

[i'aɾ'ko]^v saliva (eu boca água)

(iv) um nominalizador - tsɛ^v para termos desconhecidos no tempo antigo:

[am'zipu'pũn'tsɛ]^v .. espelho (se ver instrumento)

[a'ria'tsɛ]^v rede (pendurar instrumento)

1.2.5. Escolha do informante principal e dos secundários

O nosso principal informante foi o capitão da aldeia, Kokrenũm; ao lado dele, Kruati e Pãkrejimõkre também nos ajudaram bastante na tarefa de compreensão da língua.

Motivo da escolha: Tomamos o Sr. Kokrenũm como principal informante (7) por dois motivos: Primeiro = ser ele um dos mais velhos - não sendo entretanto um "velho" - sabedor das coisas do tempo em que "viviam no mato" e citado pelos outros, em conversas informais, como quem sabe "direito" a língua, o que confirmava a informação do Sr. Arnaud de que ele e Cutia, Pãkrejimõkre, seriam certamente bons informantes;

Segundo termos percebido, quando ali estive mos pela primeira vez, ser ele o único a permanecer na aldeia quando os demais homens estavam ocupados em atividades como: roça, caça, coleta de castanha.

A pessoa: O capitão Kokrenũm é assim chamado pela corruptela de seu nome [krohok^v'rɛn^v'hum] que significa "pai do Krôhôkre". [kro^v'hok] por sua vez significa "rim de porco", literalmente "porco rim", acrescido do sufixo -rɛ^v que indica tamanho pequeno. (8)

Kokrenũm tinha cerca de 50 anos àquela época. É remanescente do antigo grupo, dividido em três, segundo ele, por brigas internas. Foi aprendiz de pajê, desistiu por não a gũentar o convívio com os espíritos, segundo o seu relato.

Hã mais de dez anos em contato com os brancos, o Capitão é bilíngüe - como a quase totalidade do grupo. Seu português a despeito do tempo de contato, apresenta bastante inter ferência do dialeto Gavião, sensível a qualquer ouvinte, no ní vel fonético. (9)

Por exemplo: (i) a ausência de sonoras oclusi vas no Gavião reflete-se no ensurdecimento destas sonoras do Português: ['nekU] por ['negU] - apelido de um filho de Kokrenũm.

(ii) a ausência de fricativa labiodental surda [f] revela-se na substituição deste som pela oclusiva bilabial surda [p]. (Existe em Gavião a fricativa sonora [v] em variação livre com a bila bial [b] e a semi-consoante labializada [w]). Assim temos:

[pre^v'so] por [fle^v'sow] (10)

Outros Informantes: Já que fomos apresentada à comunidade como professora, alguns dentre os rapazes solicita ram aulas. (11) Fizemos estas aulas à noite. O período mais in teressante foi de junho a julho. Estávamos sozinha na casa do

Posto e os rapazes vinham à noite, na volta da roça. Estudávamos até 21/22:00 horas, quando eles voltavam à aldeia para "ouvir as ordens do velho" (12).

As mulheres são socialmente mais retraídas e, em geral, não se manifestaram como informantes. Exceção deve ser feita a Alzira, uma das mais antigas do grupo, que, no caminho da roça, falava muito e fazia-nos repetir o que dizia, rindo dos nossos erros e fazendo-nos repetir até acertar. Isabel, filha de Alzira e Tutaki, mocinhas de aproximadamente 12 anos àquela época, tinham a mesma atitude a nosso respeito. Tutaki tornou-se com o tempo nossa amiga especial, ensinando-nos como se comportar e o que fazer em cada situação.

1.2.6. Técnicas Usadas

No início do trabalho, durante as sessões com o Capitão, trabalhamos na base de perguntas elicitadoras inicialmente propostas em Português e numa fase ulterior, já conhecendo um pouco da língua, em Gavião:

"Como se diz.....?" [ma'nōka'pi'ya]

"O que é isto....?" [m'p0na'r^vg]

"Por que?" [m'p0'nā]

Solicitávamos que emitisse três vezes cada enunciado, o que dá certa margem de segurança para confirmações posteriores. Nestas sessões esclarecíamos também enunciados que anotávamos no decorrer do dia, ouvindo conversas e participando das várias atividades femininas: ir à roça, pilar arroz, amassar açaí, entre outras.

Sessões interessantes também eram aquelas das aulas noturnas. Os rapazes ensinavam-nos como corrigir erros, elogiar o bem feito e entre si faziam comentários que, na medida do possível, eram anotados.

Embora o tivéssemos sempre conosco, o gravador não foi muito usado na pesquisa, por diferentes motivos: (i) nas entrevistas sistemáticas com o Capitão, por não dispormos de local isolado que permitisse um registro utilizável proveitosamente;

(ii) durante as aulas com os rapazes, para evitar quebra da espontaneidade. Usá-lo poderia ser motivo tanto de inibição como de artificialização dos dados, sobretudo que os mais jovens declaram-se maus falantes da "gíria";

(iii) além disso, desconfiados pela constante exploração que sempre sofreram do branco, não interessa aos gavião fornecer material como gravação que eles sabem possível de ser utilizado indefinidamente e até mesmo vendido, segundo eles.

Gravar tornou-se um recurso utilizado apenas em casos de necessidade extrema, quando então solicitamos ajuda. Por exemplo, o uso da palavra para "habitação", já que há termos diferentes, seja ela da pessoa que fala ou de uma terceira; também na comparação de dados para delimitar a ocorrência de três sons que nos pareciam fonêmicos embora muito próximos: [i], [é], [e]. Além disso, Isabel e Tutakĩ gostavam de gravar, fazendo-nos repetir o que diziam.

Quando nosso interesse voltou-se para a estrutura da sentença, passamos a trabalhar com Krua⁽¹³⁾, um dos rapazes das aulas. Com ele testamos as possibilidades de enunciação. Dois procedimentos usamos aí: um primeiro consistiu na montagem de "esqueletos" de frases que deveriam ser preenchidos. Isto rendeu-nos um primeiro corpus; elaboramos então um jogo de cartões com os vários tipos de palavras, diferenciadas por classe. Em sessões informais, Krua e alguns outros com alguma habilidade de leitura elaboravam frases que anotávamos.

1.2.7. Resultados

Em nossa pesquisa conseguimos uma relação de cerca de mil palavras do Gavião; quatro textos: três referentes às brigas que dividiram o grupo, um outro pequeno relato obtido quando solicitamos a frase "o cachorro morreu na aldeia"; uma colocação de frases das quais separamos algumas para demonstrar o funcionamento do modelo de gramática, proposto.

Como não fizemos análise dos textos, eles não aparecem neste trabalho. O corpus aqui será constituído das palavras e frases obtidas.

CORPUS

Relacionaremos primeiro, em ordem alfabética até a terceira letra, partículas e palavras simples e compostas do Gavião, seguidas de transcrição fonética, transcrição fonê mica e correspondência em Português.

No caso de palavras compostas - e isso ocorre sobretudo em termos de parentesco e nomes específicos de animais e plantas- transcrevemos foneticamente o conjunto apenas se houver mudanças fonéticas; a transcrição fonêmica nesses casos será só a do elemento ainda não ocorrido.

Considerando os elementos não-alienáveis, as palavras que os designam serão relacionadas pela primeira letra da raiz; na transcrição fonética incluiremos o prefixo de primeira pessoa i- , na fonêmica o excluiremos.

A numeração ao lado pretende facilitar as referências. Por questão de espaço, damos apenas um ou dois signi ficados correspondentes em Português, Quando houver mais explicações, o que ocorre frequentemente em termos de parentesco, assinalaremos com um asterisco e estará nas notas do fim do capitulo com o número correspondente da relação.

Em seguida, 150 frases - orações simples- cuja história derivacional procuraremos explicar na segunda parte do trabalho. Cada uma será apresentada de duas maneiras:

- a) em Gavião (v. Anexo 3.d)
- b) significado correspondente em Português.

1.3. CORPUS (PALAVRAS)

1. a	[a]	/a /	tu (red)
2. āhāre	[ā'ʔā ^v rɛ]	/ā'ʔā ^v rɛ /	galinha, galo
3. āhārejāher	[ā'ʔā'ʔEyahe ^v rɛ]	/hahe ^v r /	galinheiro
4. ahi	[ia'hi]	/ahi /	queixo
5. ahōj	[a'hoy]	/ahoy /	arroz
6. ahōjhy	[a'hoi'hi]	/h ⁱ /	grão de arroz
7. ahōjkrÿ	[a'hoi'kr ^v ə]	/kr ^v ə /	arroz seco
8. ahuare	[a'hua'r ^v ɛ]	/ahua ^v rɛ /	bico de agulha
9. ajho	[ay'h0]	/ayh0 /	escrever
10. ajkre	[ay'kr ^v ɛ]	/aykr ^v ɛ /	casa
	[hay'kr ^v ɛ]		
11. ajpikra	[aypi'kra ^v]	/aypikra ^v /	assustar
12. ajrōnti	[ay'r ^v ōn'ti]	/ayr ^v ōnti /	enrolado
13. ajrō	[ay'r ^v ō]	/ayr ^v ō /	enrolar
14. ajrom	[ay'r ^v 0mɔ]	/ayr ^v 0m /	mato
15. ajtÿ	[ay'tə]	/ayt /	tipo de marimbondo
16. akêtêti	[a'kete'ti]	/aketti /	mato cerrado
17. akjê	[ak'ye]	/akye /	apanhar, pegar
	[ak'ʒe]		
18. akjênxâ	[ak'yen't ^v ɛ]	/akyen ^v ɛ /	vasilha para apanhar
19. ako	[a'ko]	/ako /	borduna
	[ha'ko]		
20. akotōre	[a'k0t0r ^v ɛ]	/ak0tr ^v ɛ /	curto
21. akoxê	[a'k0t ^v ɛ]	/ak0 ^v ɛ /	relâmpago

22. akÿ	[a'kʰ]	/akə/	enfeite do lábio
23. akÿkre		/kʰrɛ/	orifício p/akÿ
24. ama	[ia'ma]	/ama/	maçã do rosto
25. amjĩ	[am'ʒi]	/amhĩ/	reflexivo
26. amjĩpupunxã		/pupunçɛ/	espelho
27. amkoti	[am'k0'ti]	/amk0ti/	lagarto
28. amkôre	[am'ko'rɛ]	/amkorɛ/	vagalume pequeno
29. amrej	[am'rɛy]	/amrɛy/	corajoso;malvado
30. amxôre	[am'tso'rɛ]	/amcorɛ/	rato
31. amxy	[am'tsɨ] [ham'tsɨ]	/am'ɬɨ/	marimbondo
32. amxytykti	[am'tsɨ'tik'ti] [ham'tsɨ'tik'ti]	/amɬtikti/	abelha preta
33. anã	[a'nã] [ha'nã]	/anã/	mãe(indireto)
34. anãkãre		/kɛrɛ/	a mais velha das irmãs da mãe
35. anãkupry		/kuprɨ/	irmã da mãe, moça
36. anãre			irmã da mãe,magra ou mais nova
37. anãti			irmã da mãe,gorda ou mais velha
38. apiri	[a'pi'ri]	/apiri/	de novo
39. apam	[a'pam]	/apam/	pai (indireto)
40. apãn	[a'pɛnɔ] [ha'pɛnɔ]	/a'pɛn/	piranha

41. apar	[a'par ^v Λ]	/a'par ^v /	neto
42. apu	[a'pu]	/apu /	sempre
44. apy	[a'pɨ:]	/apɨ:/	rabo
	[ha'pɨ]		
45. arājxô	[a'r ^v ãi'tš ^v o]	/arayco /	laranja
46. ariaxã	[a'ria'tš ^v ε ^{''}]	/ariač ^v ε ^{''} /	rede
47. aryre	[a'r ^v i ^v rε]	/a ^v i ^v rε/	alto
48. ata	[a'ta]	/ata /	aquele
49. atô	[a'tô]	/atô/	irmão
50. atôj	[a'tôj̃]	/atôj̃/	irmã
51. atôjkã	[a'tôi'kɛ]	/atôykɛ/	irmã mais velha
52. atôkãre			o mais velho dos irmãos
53. atôprô		/atôpro/	mulher do irmão do homem (morto)
54. atôre			filho do tio pater no (vivo)
55. atotore	[a'tot ^v o'r ^v ε]	/atotr ^v ε/	jaó, nambu
56. atuti	[a'tu'ti]	/atuti/	capim para o gado
57. axy	[ia'tšɨ]	/ačɨ/	nãdegas
58. axyn	[a'tšɨni]	/ačɨn/	saúva
59. ha	[ha]	/ha/	teu
	[a]		
60. hahi	[ha'hi]	/hahi/	cara de bicho
61. haher	[ha'her ^v ε]	/hah ^v εr/	parede, cercado
62. hým ^v kāk	[həm'kək ^v ə]	/həm ^v kək/	barriga do tatu
63. harare	[ha ^v ra'ɣ ^v ε]	/ha ^v ra ^v ε/	tiririca
64. haratēk	[ha ^v ra'tēk]	/h ^v aratēk/	guelra
65. hāk ^v re	[h ^v εk'ɣ ^v ε]	/h ^v εk ^v ε /	gavião pequeno

66. hān	[hən]	/hən/	saboroso
67. hēre	[he'ṛε]	/heṛε/	aranha pequena
68. hi	[i'hi]	/hi/	osso
69. hihere	[hi'hε'ṛε]	/hihεṛε/	redondo pequeno
70. hihēti	[hi'he'ti]	/hiheti/	redondo grande
71. hikōtuti	[hi'kotu'ti]	/hikotti/	gordo; torto
72. hitō	[hi'to]	/hito/	três
73. hitomxā	[hi'to _m 'tš _ε]	/hitomč _ε /	porta
74. jīntyk	[hīn'tik]	/hīntik/	intestino ^o grosso
75. hōrōti	[hō'rō'ti]	/hōrōti/	embira
76. hur	[hur _u]	/hur/	pus
77. hūmti	[hūm'ti]	/hūmti/	macho
78. hykati	[hī'ka'ti]	/hīkati/	jibōia-açu
79. hyure	[hīyu'rε]	/hiurε/	um tipo de formi guinha
80. hÿti	[hə'ti]	/həti/	amargo
81. hy	[hī]	/hī/	semente
82. hÿ	[hī]	/hī/	sim
83. ihyrxwy	[i'hīṛ'tswi]	/ihīṛcwi/	irmão mais velho (morto)
84. ihōkōre	[i'hoko'rε]	/ihokrε/	solteiro
85. ipān	[i'pānə]	/ipān/	doido
86. itik	[i'tik]	/itik/	barriga
87. irā	[i'rā]	/irā /	flor
88. jūnure	[yūnu'rε]	/yūnṛε/	beija flor
	[zūnu'rε]		
89. jāt	[yēt _ā]	/yēt/	batata doce
	[zēt _ā]		

90.	jujututi	['yu'yutu'ti] ['ʒu'ʒutu'ti]	/yuyutti/	tucano
91.	kapryni	[ka'p ^v rəni]	/kap ^v rəni/	jaboti
92.	kaxwa	[ka't ^v ʃwa]	/ka ^v ʃwa/	meia-noite
93.	kexwy	[ke't ^v ʃwi]	/ke ^v ʃwi/	avô paterno ou materno(morto)
94.	kôjkwa	[koy'kwa]	/koykwa/	cêu
95.	kowênêre	[ko'bene'ɣε]	/kowen ^v erε/	pássaro
96.	kôra	[ko'ra]	/kora/	matar
97.	kowa	['k0'wa] ['k0'ba]	/k0wa/	lama
98.	kryti	['kr ^v i'ti]	/kr ^v iyti/	papagaio
99.	kra	['kr ^v a]	/kra/	paca
100.	kruwa	['kr ^v u'wa] ['kr ^v u'ba]	/kruwa/	flecha
101.	kuwê	[ku'we] [ku'be]	/kuwe/	arco
102.	kuxwa	[ku't ^v ʃwa]	/kucwa/	cheiroso
103.	kwÿk	[kwə ^v kə]	/kwə ^v k/	cesto p/guardar farinha
104.	kwÿr	[kwə ^v rə]	/kwə ^v r/	mandioca
105.	mpej	[m'pεy]	/mpey/	bom, bonito
106.	mpo	[m'p0]	/mp0/	partícula indi cadora de inde finido
107.	muwa	[mu'wa] [mu'ba]	/muwa/	abelha

108. nã	[nã̃]	/nã̃/	então, dentro
109. nãkajkritire	[i'nãkaj'kritire]	/nãkajkritre/	pulmão
110. nĩre	['nĩ're]	/nĩre/	muito
111. nõre	['nõ're]	/nõre/	negação
	['nũa're]		
112. nkrire	[n'kri're]	/nkrire/	grande
113. õtĩti	[õ'tĩ'ti]	/õtĩti/	pesado
	[hõ'tĩ'ti]		
114. parkupuxã	['pãku'pu'tsɛ]	/pãkupuce/	sapato
115. pãr	[pẽr̃]	/pẽr/	árvore
116. põhy	[põ'hɨ]	/põhɨ/	milho
117. pur	[puru]	/pur/	roça
118. rãr	[rẽr̃]	/rẽr/	instrumento para fazer fogo
119. rop	[rɔpɔ]	/rɔp/	cachorro, onça
120. ror	[roru]	/ror/	cupim do chão

1.4. CORPUS (FRASES)

1. a) Rop te kukryt p̄ar
b) Cachorro farejou anta
2. a) Ikra te i x̄ar
b) Meu filho me mordeu
3. a) Ka ate to tep kaxêr
b) Tu pescaste (com alguma coisa) peixe.
4. a) Mpa te kyj to amjĩ hyr
b) Nós nos cortamos com faca
5. a) Ikra te wa to i x̄ar
b) Meu filho me mordeu com dente
6. a) *Ikra te to i x̄ar
b) *Meu filho me mordeu (com alguma coisa).
7. a) Mũ te kaprÿni kÿma x̄ar
b) Ele mastigou (continuado) jaboti
8. a) Te ri mĩre kôran
b) Ele mesmo matou (com tiro) jacaré pequeno
9. a) Te ri kuryt pĩr
b) Ele mesmo matou (com flexa) anta (bicho grande)
- 10.a) Mũ te kukinêre kôran
b) Ele matou (com tiro) cutia.
- 11.a) Nare te to kukryt kôran
b) Foi mesmo que ele matou (com tiro) (com espingarda) anta.
- 12.a) Hãk te xajti pro
b) Gavião pegou na unha pica-pau
- 13.a) Hapÿn te kutapti hyr
b) Piranha tirou pedaço do geju

14. a) Rop te kukrytkrã katak
b) Cachorro dentou cabeça da anta
15. a) Īxū te to krowa hitep
b) Meu pai cortou tora
16. a) Wa ite to kra xêt
b) Eu queimei paca
17. a) Kukinêre wa ite hyxyr
b) Cotia (bicho pequeno) eu matei (com flecha)
18. a) Mũ (kupẽ) te katõk to (parakatêjê) kôran
b) Ele (cristão) matou (índio) com espingarda
19. a) Mpy te kãmajhoxã kwyr
b) Homem pegou lápis
20. a) Nõ kãm mpy ariaxã kãm hõt
b) Ontem homem dormiu na rede
21. a) Mũ Tõn kãm hõt
b) Ton dormiu (em algum lugar)
22. a) Tõn ajrom kãm ipa
b) Ton está andando no mato
23. a) Mĩre kÿma kukure
b) Jacaré sô se arrasta
24. a) Mũ kôkôjre ajrom kãm tyk
b) Macaco morreu/está morto no mato
25. a) Mũ krĩ kãm tyr
b) Ele morreu/está morto na aldeia
26. a) Mũ krôre tykyre krĩ kãm
b) Caititu morreu/está morto na aldeia
27. a) Mũ ajrom kãm krôre tykyre
b) Caititu está morto no mato

28. a) Mũ tōn tykyre
b) Tatu morreu/está morto
29. a) Jyxy krĩ kãm tykti
b) Veado morreu/está morto na aldeia
30. a) Jyxy ri ajrom kãm tykti tajỹr nã
b) Veado mesmo está morto no mato, é verdade...
31. a) Kukryt mũhũ tykti ajrom kãm
b) Anta morreu/está morto no mato
32. a) Mũ rop ajrom kãm tyk nã
b) Cachorro morreu/está morto no mato
33. a) Ixwa tyjti
b) Meu dente é/foi muito forte
34. a) Wa ityjti
b) Eu sou/fui muito forte
35. a) Pyt hihêti
b) Sol é redondo (grande)
36. a) Ikrã hihere
b) Minha cabeça é redonda (pequena)
37. a) Ikã tykti
b) Meu cabelo é muito preto
38. a) Põhy jakati
b) Milho é bem amarelo
39. a) Kôjkwa pejti
b) Céu está muito bonito
40. a) Pry pōkti
b) Caminho é muito largo
41. a) Ajkre ntuwati
b) Casa (gen) é bem nova

42. a) Ajkre tūmure
b) Casa (gen) é bem velha
43. a) Ita kajririare
b) Esta (flecha) está bem reta
44. a) Ita hikōtuti
b) Esta (flecha) está muito torta
45. a) Pry kajririare
b) Estrada é bem reta
46. a) Pry hikōtuti
b) Estrada é muito curva
47. a) Irã jakati
b) Flor é bem amarela
48. a) Irã Kaprikiti
b) Flor é bem vermelha
49. a) Mĩrekrã xa
b) Cabeça do jacaré está aparecendo (fora da água)
50. a) Rop tykre
b) Cachorro (bicho pequeno) morreu
51. a) Mũ rop ajrom kãm tyk nã
b) Cachorro morreu no mato
52. a) Kaprÿni nkrire
b) Jaboti é grande
53. a) Kōkōj nkrire
b) Macaco é grande
54. a) Jÿxy ata nkrire
b) Aquele veado é grande
55. a) Kukryt ata nkrire
b) Aquela anta é grande

56. a) Hỹ nare hirata ri
b) Sim, mesmo era grande mesmo!
57. a) Kôkôjre ita ĩtojre nĩre
b) Este macaco corre demais
58. a) Jỹxy ita ĩtoj nĩre
b) Este veado corre demais
59. a) Kukryt ĩtojti nĩre
b) Anta corre demais
60. a) Kôkôjre mpejre
b) Macaco é bonito
61. a) Kukryt ita mpejti
b) Esta anta é bonita
62. a) Kaprỹni ita mpejre
b) Este jaboti é bonito
63. a) Mũ tykyre
b) Morreu (uma pessoa magra ou bicho pequeno)
64. a) Mũ tykti
b) Morreu (uma pessoa gorda ou bicho grande)
65. a) Ken ita tykti
b) Esta pedra é bem preta
66. a) Kỹxỹt tũmti
b) Roupa está muito suja
67. a) Kỹxỹt tũmure
b) Roupa está bem velha
68. a) I karaprãmti
b) Eu sou muito preguiçoso
69. a) I pẽnprãmti
b) Eu sou muito trabalhador

70. a) Kruati te jũxy mã katõk xir
b) Kruati preparou armadilha para veado
71. a) Īxê te imã kryjti hõr
b) Minha mãe trouxe papagaio para mim
72. a) Imã kwyj
b) (Dã) um pouco para mim
73. a) Imã rop
b) Eu tive/tenho cachorro
74. a) Mũ imã kurêti
b) Eu não gostei dele (pessoa grande)
75. a) Kokrênum mã rop kĩni nĩre
b) Kokrênum gosta de cachorro
76. a) Imã katõkkrare
b) Eu tive/tenho revõlver
77. a) Kokrênum te rop hapê nĩre
b) Kokrênum teve pena do cachorro
78. a) Tutakĩ mã i hapê nĩre
b) Tutakĩ tem pena de mim
79. a) Katyre mã ãhãre
b) Tia (magra) teve/tem galinha
80. a) Keti te a hixi
b) Tio deu nome para ti
81. a) Ka ate rop mã ajpikrar
b) Tu assustaste cachorro
82. a) Mũjũ ajrom wyr tẽ
b) Ele foi para (em direção a) o mato
83. a) Jỹxy mũhũ ajrom wyr kwy
b) Veado correu para (em direção a) o mato

84. a) Te amjĩ hapak mã tokre
b) Ele furou a orelha dele (a própria orelha)
85. a) Ijõnkra ajrõ
b) Ele está apertando a minha mão
86. a) Ajanã te ijõnkra ajrõ
b) Ajanã apertou minha mão
87. a) Tõjre te kuwê pre
b) Antoninho enfeixou arco
88. a) Kõkrênũm te pore nkrõ
b) Kokrênũm estava esquentando taboca
89. a) Wa ite ken pãn
b) Eu carreguei pedra
90. a) Wa ite ikra pãn
b) Eu carreguei meu filho
91. a) Īxũ te Īxē kÿxÿt hõr
b) Meu pai trouxe roupa da minha mãe
92. a) Ikra te pypxõ hãn nĩre
b) Meu filho gosta muito de banana
93. a) Mũ te krõre krēr
b) Ele comeu caititu
94. a) Nare te krõre krēr
b) Mesmo, ele comeu caititu
95. a) Mũ te ton krēr
b) Ele comeu tatu
96. a) Nare te ton krēr
b) Mesmo, ele comeu tatu
97. a) Mpokuti te atuti krēr
b) Boi comeu capim

98. a) Mpy te pur kām mpohĩri krēr
b) Homem comeu carne na roça
99. a) Mũ te krytyti hor
b) Ele comeu traĩra
- 100.a) Mpy te kōtykti tokōm
b) Homem bebeu cafē
- 101.a) Mpy kōtykti to kō
b) Homem bebe cafē
- 102.a) Ry ite kāpar
b) Eu jã escutei
- 103.a) Ite hōpun nōre
b) Eu não vi
- 104.a) Ite kāpar nōre
b) Eu não escutei
- 105.a) Ite tohapak nĩre
b) Eu tinha saudade (de uma pessoa)
- 106.a) Ite mẽ tohapak nĩre
b) Eu tinha saudade (de todos)
- 107.a) Kōkrênũm nkrer
b) Kōkrênũm cantou
- 108.a) Jōkōrenũm nkre
b) Jōkōrenũm canta
- 109.a) Hōto amrēre
b) Ele não tem língua (é mudo)
- 110.a) Wa ka mũ pry nã tē
b) Eu sozinho vou pela estrada
- 111.a) Mũ anã mẽ mō
b) Ele foi com a mãe dele

112. a) Mũ mẽ mō nōre
b) Ele não foi (com ela)
113. a) Měmpy apu ĩxi mẽ pry nã mō
b) Homem vai indo pela estrada com mulher dele
114. a) Měmpy apu mō
b) Homens vão indo
115. a) Mpy ipa
b) Homem está andando
116. a) Měmpy apu ĩxi mẽ mō
b) Homem vai indo com mulher dele
117. a) Měmpy pry nã apu mō
b) Homens vão indo pela estrada
118. a) Mpy pry nã ipa
b) Homem está andando pela estrada
119. a) Kÿma apu hej nare te krēr nore
b) Sō mentindo, ele não comeu
120. a) Ita kěn
b) Isto é pedra
121. a) Ata kukryt
b) Aquilo é anta
122. a) Ry ite to pe
b) Jã acabou
123. a) Ry te pe
b) Jã acabou
124. a) Te pe
b) Acabou (fim)
125. a) Ry apam kator
b) Teu pai jã chegou

126. a) Ry café kator
b) Já tem café
127. a) Kormã kator
b) Ainda não chegou
128. a) Imã prãm nĩre
b) Eu estou com muita fome
129. a) Imã tep nã prãm nĩre
b) Eu quero ser peixe (na próxima festa)
130. a) Wa ite kôtykti nã ton
b) Eu fiz café
131. a) Wa kôtykti nã to
b) Eu faço café (agora)
132. a) Wa ite kÿma ton
b) Eu apenas fiz
133. a) Wa kÿma to
b) Eu apenas faço (agora)
134. a) Apiri nã to
b) Faz de novo
135. a) Apiri kãm to ajho
b) Escreve de novo
136. a) Pe kahÿkÿre to mpejti
b) Está muito feio, faz de novo
137. a) Kormã ite hõpun nõre
b) Eu ainda não vi
138. a) Ajho kĩni nõre
b) Não escreve bonito
139. a) Ite nõ kãm to kupu nõre
b) Ontem não fiz pirarubu

140. a) Ite to kupu jarêtêti
b) Eu fiz muitos pirarubus
141. a) Xa nã hõpu
b) Ele está em pé olhando
142. a) Wa arĩk jỹn
b) Eu estou calado sentado
143. a) Wa ka itar mxu jỹn
b) Eu sozinho me escondi aqui sentado
144. a) Jũm pia
b) Quem é?
145. a) Apiri jũm
b) Quem mais?
146. a) Manõ kapia
b) Qual é o nome?
147. a) Mpo nare
b) O que é isto?
148. a) Mpo nã
b) Por que?
149. a) Tajma hapiẽn
b) Cadê teu marido?
150. a) Jũm tekjẽ
b) De quem é?

NOTAS AO CAPÍTULO 1

- (1) Questionário do Vocabulário Padrão para Estudos Comparativos Preliminares nas Línguas Indígenas Brasileiras.
- (2) Rodrigues (1967) citado por Mellatti (1970). Ver também Boswood (1973), Mattoso (1965) e Anexo 1.
- (3) Enquanto que os índios da sede podem ser considerados integrados (Ribeiro, (1970)) os da Ladeira Vermelha, acredito, podem ser considerados "em contato permanente".
- (4) Além dos Gavião, convivia na aldeia uma família guarani do Mato Grosso: Maria Guarani, também chamada Katyre, com seus filhos Benedito (15 anos), Oripe (8 anos), Nonato (5 anos) e Oritan (1 ano) - idades aproximadas em 1974. Esta família ainda se encontrava no Posto a última vez em que lá estivemos (agosto/1976), apenas o filho mais velho saía à procura de uma irmã. Entre si este grupo falava a própria língua (Tupi) e às vezes as crianças vinham gravar também. Nestas ocasiões percebia-se que começavam a esquecer a língua nativa.
- (5) Usamos a grafia oficial para línguas Jê, segundo Portaria nº 211/V de 29 de outubro de 1974. (ver Anexo 3).
- (6) "Capitão" é a forma como a FUNAI designa o chefe de cada grupo indígena. Este pode ser antigo chefe ou um índio escolhido pela FUNAI para assumir a liderança do grupo. Kokrenũm diz exercer a função por ser o mais valente dos que sobraram da última briga que dividiu o grupo.
- Foi depois atraindo para seu grupo outros que andavam dispersos (v. tb. Arnaud 1975).
- (7) O que significa horário de trabalho estabelecido: uma hora por dia e remuneração de Cr\$10,00 por sessão.

- (8) Ao casar, o home deixa de usar o nome de solteiro e recebe o nome que deverá pôr no primeiro filho, passando então a ser chamado "pai de fulano".
- (9) A influência do Português no Gavião também se faz notar, especialmente nas crianças que, p. ex., substituem a posterior alta fechada não-arredondada [ɨ] do sistema gavião pela correspondente arredondada do Português [u].
- (10) Note-se ainda no exemplo dado a substituição da lateral alveolar [l] pela vibrante simples alveolar [r̄]. Estes dois sons existem como variantes livres no sistema gavião. (ver Anexo 3.). Também a redução do ditongo final, característica da variante coloquial do Português falado na região.
- (11) É impressionante o desejo que têm - os homens sobretudo de aprender a escrita do Português. Alguns rapazes já haviam estudado com missionários e escreviam razoavelmente. Outros pareciam nunca haver pegado em um lápis, mas dedicavam-se com afincos aos exercícios de coordenação motora e logo começaram a escrever as letras e palavras.
- (12) "Velho" é como chamam ao Capitão quase todos. Cada noite todos os homens reúnem-se em frente à casa do Capitão para decidir com eles as atividades do dia seguinte. Na primeira parte da noite (entre 19:00 e 22:00 horas) as mulheres também estão ali, servem o café para todos e se conversa ou faz algum trabalho (debulhar favas, por ex.). Depois das 22:00 horas costumam ficar sô os homens. As mulheres foram pouco a pouco retirando-se para suas casas.
- (13) Krua foi alfabetizado em Português e aprendeu um sistema de gravar a própria língua com um missionário que esteve com sua gente em Tucuruí. Trabalhou também em frentes pioneiras na Transamazônica.

2. POSICIONAMENTOS TEÓRICOS

A linguagem passou a constituir em si mesma objeto de estudo científico em meados do século passado, com os estudos de Gramática histórico-comparativa, em que se destaca Humboldt. Antes, o estudo da linguagem era feito pela Filologia. Depois, os neo-gramáticos se preocuparam em estabelecer as leis fonéticas da Língua. Estes estudos todos têm um caráter diacrônico, observam a língua do ponto de vista de sua modificação no tempo.

Dois enfoques, grosso modo, seguiram-se a essa primeira fase diacrônica nos estudos lingüísticos:

- o estruturalismo, cujo marco inicial é Saussure, uma visão sincrônica da língua, com objetivo taxonômico e que assumiu aspectos diversos nos EE.UU. e na Europa. (o distribucionalismo de Bloomfield, o funcionalismo de Martinet e Jakobson).
- a teoria gerativo-transformacional, proposta de Chomsky, visão igualmente sincrônica, mas pretendendo a elaboração de uma gramática que, ao invés de descrever um corpus, necessariamente limitado, faça - a partir da intuição lingüística - generalizações sobre o funcionamento de línguas particulares que levam a conhecer o funcionamento das línguas em geral e a capacidade lingüística do homem (Chomsky, 1957, 1965)

Distinção fundamental que permite assim dividir estes dois momentos da Lingüística Moderna é o método de trabalho: enquanto os primeiros assumem a indução, os segundos aplicam o método dedutivo.

A teoria gerativo-transformacional parece ser, até o momento, o enfoque mais interessante, já que explicitou fatos lingüísticos além dos limites classificatórios da corrente chamada estruturalista. (Chomsky, 1957 e 1965; Ruwet, 1967 pag 173 ss).

A própria teoria G-T não é, porém monolítica e à sua primeira formulação, feita pelo lingüista norte-americano Chomsky, no fim da década de 50, sucederam-se críticas e reformulações, inclusive do próprio Chomsky, que levaram a novas propostas teóricas sobre a estruturação dos sistemas lingüísticos.

Já que em nosso trabalho assumimos o enfoque gerativo-transformacional, passaremos agora a rever em termos gerais o que dentro dele tem sido proposto.

2.1. A SINTAXE GERATIVO TRANSFORMACIONAL

Noam Chomsky, em "Syntactic Structure", (1957), propõe que a Gramática seja uma teoria sobre o funcionamento da linguagem e não uma simples classificação de fatos lingüísticos. O lingüista precisa levantar hipóteses sobre o funcionamento de sistemas particulares - e ele o faz com o inglês - para chegar aos pontos comuns a todas as línguas, os "universais lingüísticos". Uma hipótese que levanta para explicar ambigüidades de frases e relações entre frases, por exemplo, é de que nas línguas há frases nucleares das quais são obtidas todas as demais.

Em 1965, em "Aspects of the Theory of Syntax", Chomsky reapresenta seu modelo de Gramática. Nela, introduz a noção de Semântica - da qual não tratara no primeiro modelo - e que aqui atua como um componente interpretativo das cadeias sintáticas geradas pela Base. As Transformações não interferem no "sentido" da frase, portanto, toda informação semanticamente interpretável deve estar na Estrutura Profunda; a Estrutura de Superfície é interpretada apenas foneticamente. Neste trabalho, Chomsky é tributário de Katz e Fodor (1963), que elaboraram a noção de análise componencial subjacente à "teoria dos traços" do sub-componente lexical da base.

Continuando-se os estudos, duas noções - por

algum tempo não consideradas nos trabalhos lingüísticos - levaram a uma nova concepção da Gramática Gerativa: as noções de Foco, ênfase dada a um elemento da frase; Pressuposição, informações indiscutíveis a partir das quais um enunciado é proposto. Estas noções semânticas, uma vez consideradas, ao lado de outros argumentos da mesma ordem, levaram Chomsky (1968, 1970, 1972) a propor um alargamento da teoria standard, "Teoria Standard Ampliada", onde essencialmente constata que a Estrutura Superficial fornece dados para a interpretação semântica, embora não na mesma proporção que a Estrutura Profunda.

A respeito da função da Semântica em uma Gramática, duas posições então se mantêm: de um lado, os que a consideram interpretativa: Chomsky, Katz, Fodor, por exemplo; de outro, os que a consideram gerativa: McCawley, Fillmore, Lakoff, entre outros.

Utilizamos aqui a teoria Semântico-gerativa.

2.2. A SEMÂNTICA GERATIVA

A consideração de que a representação subjacente às frases de uma língua não é de ordem apenas sintática e sim também semântica veio se opor à sintaxe gerativa concebida por Chomsky e seus seguidores.

Em 1968, Lakoff, Fillmore, McCawley, por exemplo, publicaram trabalhos em que questionam a estrutura profunda (EP) como apresentada na teoria padrão.

Partindo daí, surgiram várias propostas de representação semântica dos enunciados lingüísticos em nível profundo.

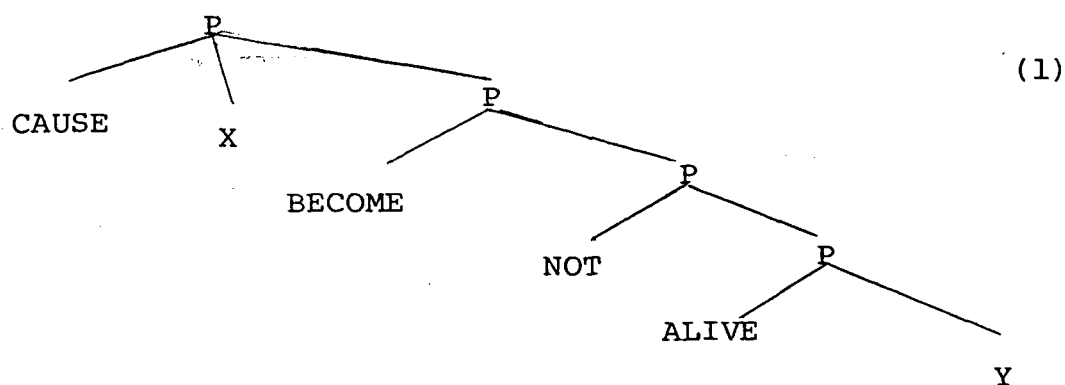
Consideraremos de um lado posições de Lakoff, McCawley, Bach, Postal a que chamaremos de "Base Semântica" e de outro, por acrescentar algo típico em relação aos demais, a "teoria dos casos" de Fillmore.

O artigo de Fillmore de 1971 permite-nos enquadrá-lo na Semântica Gerativa embora, confessadamente, seus primeiros artigos entendessem-na como Interpretativa.

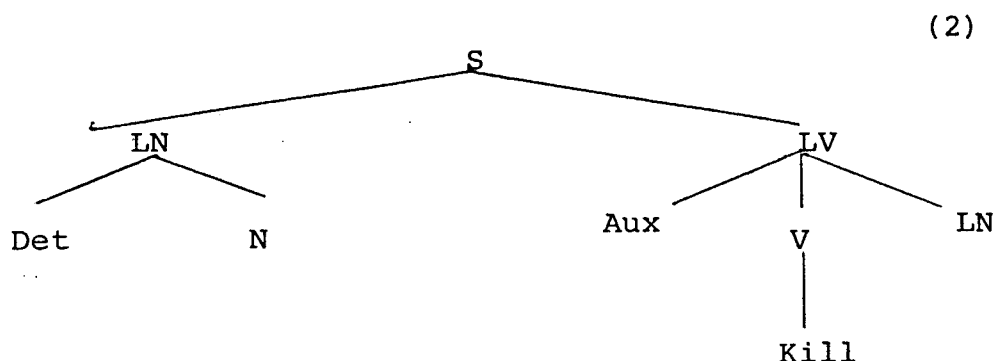
A BASE SEMÂNTICA

Em 1968, G.Lakoff propôs a simplificação e conseqüente maior abstração da Estrutura Profunda.

Na mesma época, McCawley, (1968), mostra serem os itens lexicais - inseridos por Chomsky na Estrutura Profunda=elementos de superfície. Propõe a estrutura subjacente constituída de elementos semânticos primitivos (atômicos) que podem eventualmente aglomerar-se em um único item lexical, mas podem igualmente ser atualizados tal como se apresentam. Exemplifica com o verbo "to kill" (matar) que diz ser composto de "cause to die" (fazer morrer), onde o componente "die" (morrer) é, por sua vez, semanticamente complexo, significando "cease to be alive", quer dizer, "deixar de ser vivo". E mostra a Representação Semântica assim:



Fica aí bem clara a redução das categorias básicas, quando comparamos sua representação em árvore com a representação sintática da teoria standard, onde Sentença (S) corresponde à Proposição (P) do marcador acima:



Além da redução das categorias básicas, que torna a representação subjacente menos semelhante à forma superficial que lhe corresponde, é possível perceber, de um lado, a visão do item lexical como categoria específica da estrutura subjacente - na forma standard - e de outro, a visão daquela estrutura como um encadeamento de elementos atômicos que poderão ser ou não paradigmaticamente e traduzidos numa forma fonética única.

Na representação em árvore de McCawley temos: P = Proposição, constituída de um PREDICADO, "cause", com dois ARGUMENTOS. O primeiro argumento, X, representa o "sujeito"; o segundo argumento, "objetivo", é constituído por uma série de proposições encaixadas.

A evidência de um nível SEMÂNTICO anterior às Estruturas sintáticas, tidas como as mais profundas até então, são justamente itens lexicais semântica e sintaticamente complexos, como demonstrado por McCawley com o verbo "to kill". Por isso, McCawley (1968b) afirma a existência de uma Representação Semântica Subjacente sobre a qual operam as Transformações até fazê-la chegar aos enunciados efetivos.

Em 1969, George Lakoff apresenta a Teoria Semântico-Generativa, indicando ser esta posição de um grupo, dentre os quais Postal, Fillmore, Ross, McCawley, Bach, R. Lakoff, Perl

mutter, e ele mesmo. Afirmando não haver identidade de conclusões, Lakoff diz ser o ponto de convergência de todas elas o consenso "que não se pode separar a sintaxe da semântica, e que a função das transformações e das restrições derivacionais em geral é fazer a ligação entre representações semânticas e estruturas de superfície". (pag. 232).

Neste mesmo artigo, Lakoff demonstra que Verbo e Adjetivo constituem uma categoria única.

Os sintagmas preposicionais indicando circunstâncias, não são um ramo da árvore como apareciam no modelo "padrão" mas são estruturas encaixadas em outras nas quais um adjetivo ou uma preposição de superfície ocupam o lugar comumente ocupado pelo Verbo.

Inclui, além disso, entre os Verbos, uma categoria Quantificador - constituída de elementos até então englobados como Determinantes. Mostra que a estrutura subjacente a "Poucas pessoas vieram" é algo como:

	as pessoas que vieram		ser poucas		
NP		VP		VP	NP

A esta altura, Lakoff usa a terminologia de Chomsky:

NP = sintagma nominal - SN

VP = sintagma verbal - SV

A TEORIA DOS CASOS

Na linha de crítica ao modelo padrão que se seguiu à publicação de Chomsky (1965) está a proposição de Filmore que nota a incoerência da noção de Estrutura Profunda: nela coexistem noções formais, sem um constante valor semântico (Sujeito, Objeto, por exemplo, respectivamente, SN dominado por P e SN dominado por SV) e noções indiscutivelmente semânticas

tais como "Tempo" e "Sintagma Adverbial de Maneira".

Segundo Fillmore afirma em 1971, (pag.65), não era sua intenção suprimir a noção de Estrutura Profunda, mas sim propor um outro nível de estrutura sintática, mais profundo que o apresentado pela teoria padrão.

São três os artigos em que Fillmore discute os Casos subjacentes, respectivamente 1965, 1968 e 1971.

A diferença entre a forma de base proposta por Fillmore e aquela proposta por Lakoff McCawley está em que, para estes, a reescritura da sentença na Base é Verbo + uma possível série de sintagmas nominais - ao invés das categorias NP, VP de Chomsky - e Fillmore mostra as relações exigidas pelo verbo e desempenhadas pelos SNs, a que chama de Caso.

A relação dos Casos não é a mesma nos três artigos citados: alguns deixam de ser citados, outros surgem e algumas vezes absorvem um outro caso anteriormente proposto, como se vê no quadro abaixo:

(3)

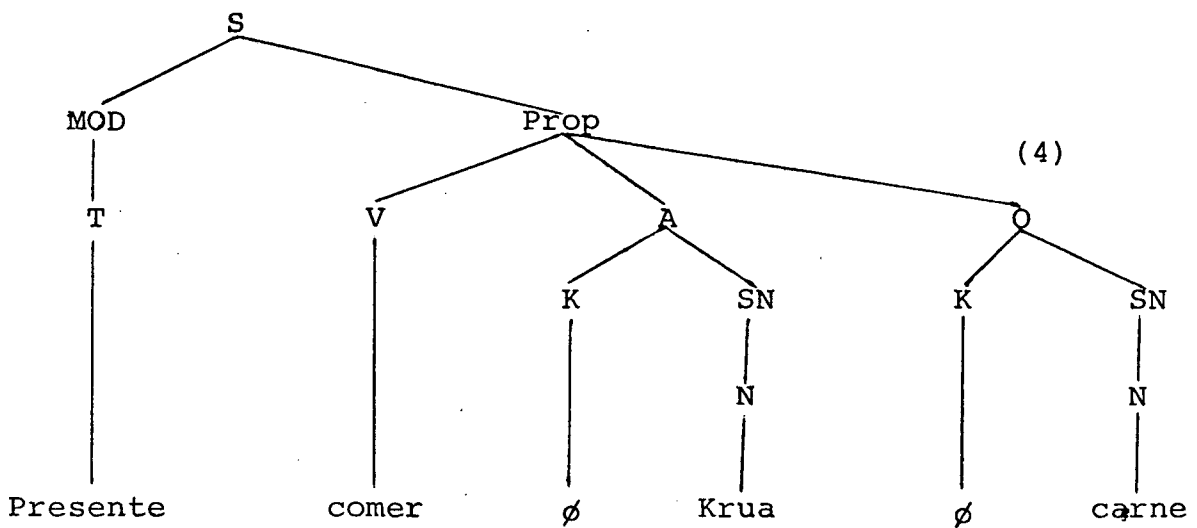
	1965	1968	1971
Agente	+	+	+
Experimentador	-	-	absorve o dativo com verbos psicológicos
Objetivo	+	+	absorve o dativo com verbos não-psicológicos de mudança
Dativo	+	+	-
Locativo	+	interno/externo	+
Instrumental	+	+	+
Comitativo	+	causa/resultado da coordenação?	-
Tempo	+	exterior à prop.	+
Benefativo	+	exterior à prop.	-
Frequentativo	+	exterior à prop.	-
Factitivo	-	+	-
Origem	-	-	+
Meta	-	-	absorve o factitivo e o dativo

As relações semânticas entre SNs e Verbos têm caráter universal, variando apenas a forma específica de sua manifestação nas línguas particulares. A identificação dos "casos" na estrutura subjacente permite o estabelecimento de "tipos de frases" de acordo com a combinação possível de casos em torno de um verbo. Permite igualmente classificar verbos de acordo com o contexto semântico em que podem ocorrer, afirma Fillmore.

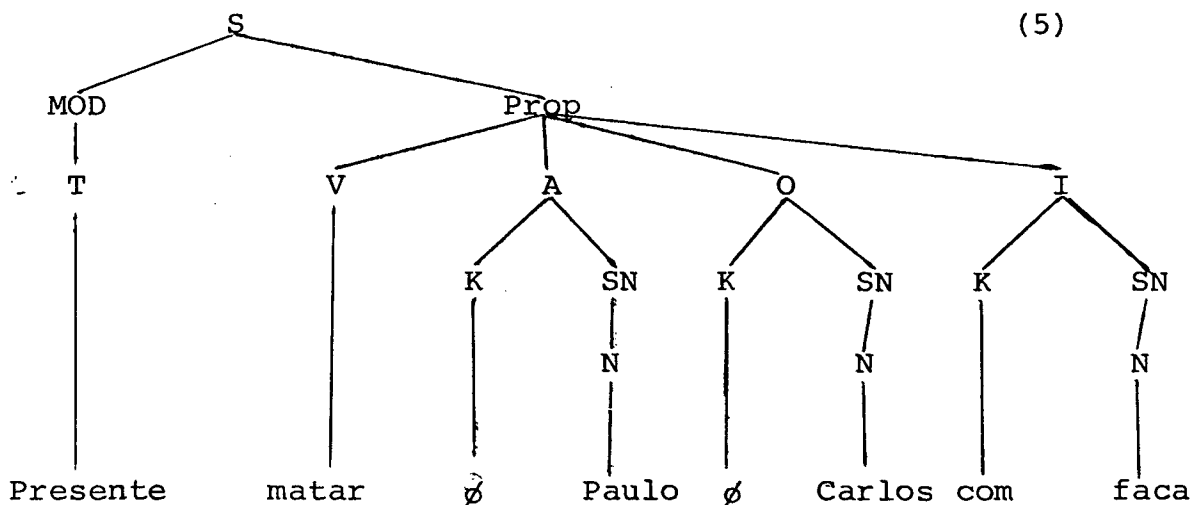
A possibilidade de estabelecer tipos de frase deve-se ao fato de que cada caso pode aparecer uma única vez e alguns deles têm ocorrência facultativa. Há além disso, uma certa hierarquia determinada pelas regras, que escolhem um caso em detrimento de outro para exercer função de superfície. Esta hierarquia se mostra na ordem dos casos na Estrutura Subjacente: o caso mais à esquerda é o que ocupará a função sujeito de superfície, por exemplo, o verbo MATAR, isto é, esta noção semântica, supõe Agente, Objeto, Instrumento. É possível partir de uma estrutura com Agente apenas, em tal caso será o Sujeito de Superfície; se partirmos de uma estrutura com Instrumento apenas, este será o Sujeito; se porém, os dois casos estiverem presentes na estrutura subjacente, Agente é que será o Sujeito na superfície. Objeto, desde que presente na estrutura subjacente, poderá ser sujeito na de superfície. É o caso da "voz passiva" de nossa gramática, em oposição à "voz ativa".

Para Fillmore cada caso na estrutura subjacente é associado a uma preposição específica, que o antecede e que, ela, é dominada pela categoria K (Kasus). Apenas Agente (A) e Objeto (O) não têm esta preposição. Aí, K domina \emptyset .

A representação de "Krua come carne" seria então como apresentamos a seguir:



Exemplificaremos uma estrutura com o verbo matar, onde aparecem todos os casos que caracterizam seu contexto: "Paulo mata carlos com faca".



Em seu primeiro artigo (1965), Fillmore associou uma preposição "por" ao caso Agente, o que explicaria a existência desta preposição na voz passiva. Em 1971, rejeita esta idéia por ter concluído ser esta preposição introduzida pela TR Passiva, podendo associar-se a qualquer caso.

Fillmore afirma ser possível a todos os casos figurar como sujeito de superfície. Acrescenta que há, no en

tanto, para cada verbo um caso "favorito" que tende a ser prioritariamente associado e que exerce a função sujeito na superfície. Em cada língua particular pode haver procedimentos suplementares que modificam este quadro, fornecendo outro tipo de construção. É o caso da passiva em Português.

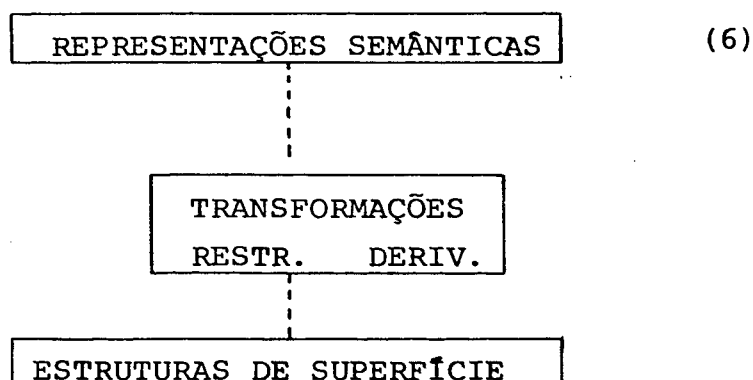
A preocupação com o Verbo na estrutura subjacente exclui as considerações sobre os Sintagmas Nominais nos artigos de 1968 e 1971.

2.3. NOSSA ANÁLISE

Apresentaremos este parágrafo em duas partes :
 (i) a forma da Gramática Transformacional - sua justificativa;
 (ii) o que retomamos a autores citados no parágrafo anterior e as modificações feitas.

Em 1968 Chomsky define gramática, cuja construção é "a meta do estudo descritivo de uma língua" como "o sistema de regras que especifica a correspondência som-significado" (pag. 3). Em 1969, Lakoff justificando a Semântica Gerativa, afirma que as transformações e restrições derivacionais devem fazer a ligação entre representações semânticas e estruturas de superfície.

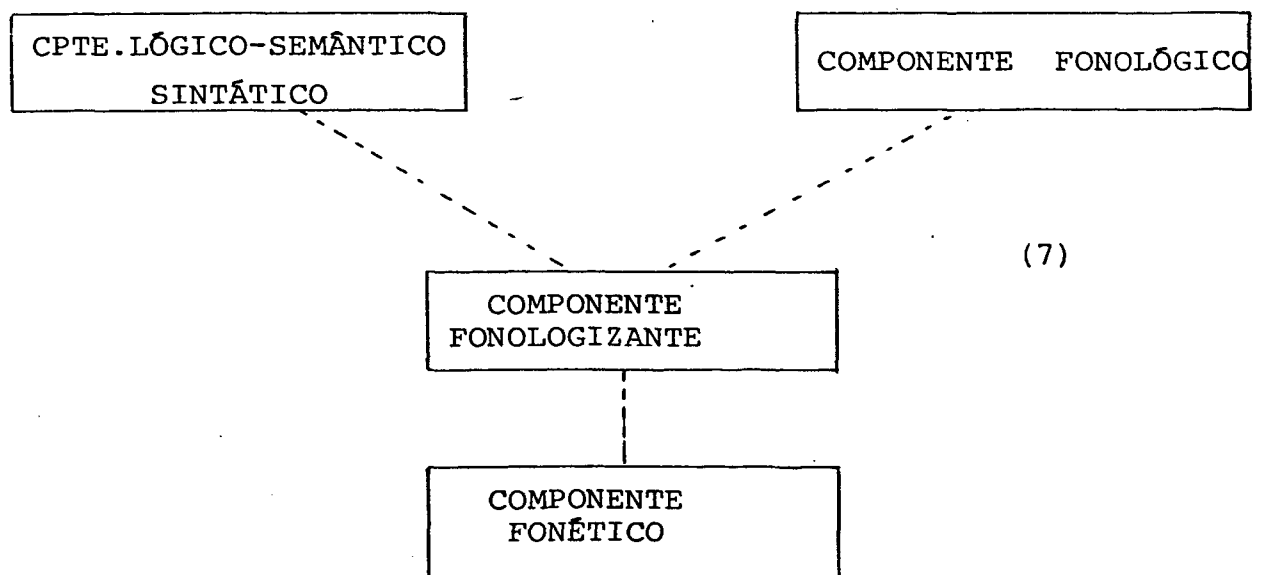
Estas duas colocações levam-nos a esquematizar um modelo de Gramática em três níveis, como abaixo:



Embora um tal modelo seja bastante simples e elegante, não nos parece revelador do mecanismo completo de uma língua natural. Ele parece-nos demais simplificado; além disso, nele se confunde, ou ao menos não se distingue, Estrutura de Superfície e Representação Fonética efetiva, enquanto que em Aspecto e toda a literatura de linha chomskyana fica bem claro que a Estrutura de Superfície é ainda uma forma abstrata à qual se aplicam as regras fonéticas de caráter interpretativo.

Mesmo em relação à forma da Gramática dentro da teoria padrão se põe para nós um questionamento a respeito do caráter interpretativo do componente fonológico. Dos vários estudos, depreende-se que na Estrutura Profunda já há informações sobre os traços fonológicos (assim como semânticos e sintáticos) que determinarão a forma de superfície.⁽¹⁾ Ora, se assim é, e a Semântica já é apresentada como "gerativa", acreditamos que também a Fonologia o deva ser.⁽²⁾

Em vista do exposto, pareceu-nos a mais apropriada descrição de uma Gramática, i.e., mecanismo gerador de todas e apenas as frases gramaticais de uma língua natural, a aquela proposta esquematicamente por Angenot com base em Venne man e que explicamos a seguir:



O COMPONENTE LÓGICO-SEMÂNTICO-SINTÁTICO justifica-se pelo fato de todas as línguas partirem de um conjunto único de noções lógico-semânticas. O que as diferencia é a sua escolha destes conteúdos e a maneira de associá-los, i.e., seu arranjo sintático. Tal arranjo obedece a regras universais.

Este componente é constituído de Regras de Base de dois tipos: regras de reescritura e regras transformacionais. A utilização destas últimas é particular a cada língua (3). O COMPONENTE FONOLÓGICO justifica-se pelo fato de todas as línguas partirem de um conjunto único de traços fônicos possíveis de serem usados em línguas humanas. As línguas diferem entre si a este respeito pelo fato de cada uma escolher um número determinado de traços fônicos e estabelecer as suas possibilidades combinatórias, tal como se dá com os elementos semânticos. Aqui também há regras de reescritura e transformacionais.

O COMPONENTE FONOLOGIZANTE constitui-se no estágio de associação de sons a significados. As regras deste componente, de reescritura, são específicas de cada língua. Podemos, portanto, encontrar sistemas fonológicos bem próximos e/ou uma associação idêntica de sons cobrindo significados diferentes. Podemos, também, ter sons diferentes cobrindo a mesma área semântica em duas línguas distintas. Destas regras resulta o Léxico.

O COMPONENTE FONÉTICO constitui-se no conjunto de regras que determinam as modificações que sofrem os traços fonológicos em enunciados efetivos, são, portanto, regras transformacionais. A diferença entre os diversos falares de um mesmo sistema pode ser aqui detetada.

Em nosso trabalho adotamos uma interpretação da Estrutura subjacente que se liga ao que chamamos "base semântica" e à teoria dos casos.

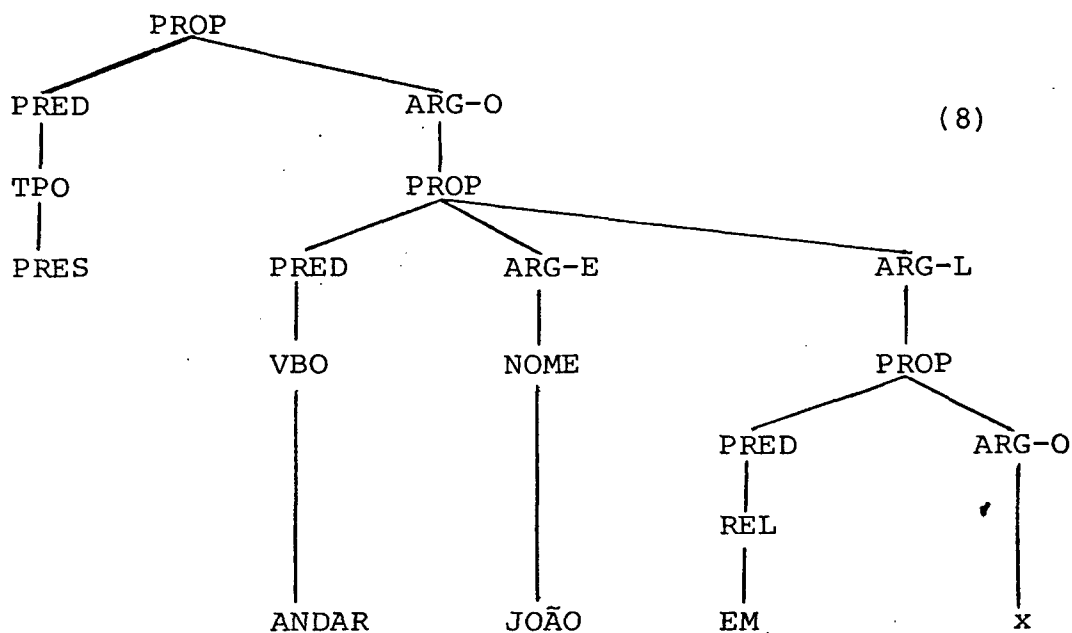
A base semântica retomamos a noção de que toda informação de superfície corresponde a um predicado semântico de

base. Neste sentido a estrutura subjacente contém exclusivamente Predicados e Argumentos (4), estes últimos reduzíveis a Predicados.

Não acompanhamos Fillmore em sua consideração de que Tempo e certos Locativos constituem "Modalidade", que corresponderia grosso modo à categoria Constituinte da teoria standard. Tal distinção parece-nos estar ainda presa à interpretação corrente de que Tempo é um elemento diverso de certos outros como Nome e Verbo, interpretação esta que a nosso ver, baseia-se na observação de línguas como o Francês e Inglês em que a, marca superficial do Tempo de ação verbal ocorre na mesma palavra que designa o verbo, seja como afixo, seja como variação do radical. Consideraremos tais noções como predicados ou argumentos de base.

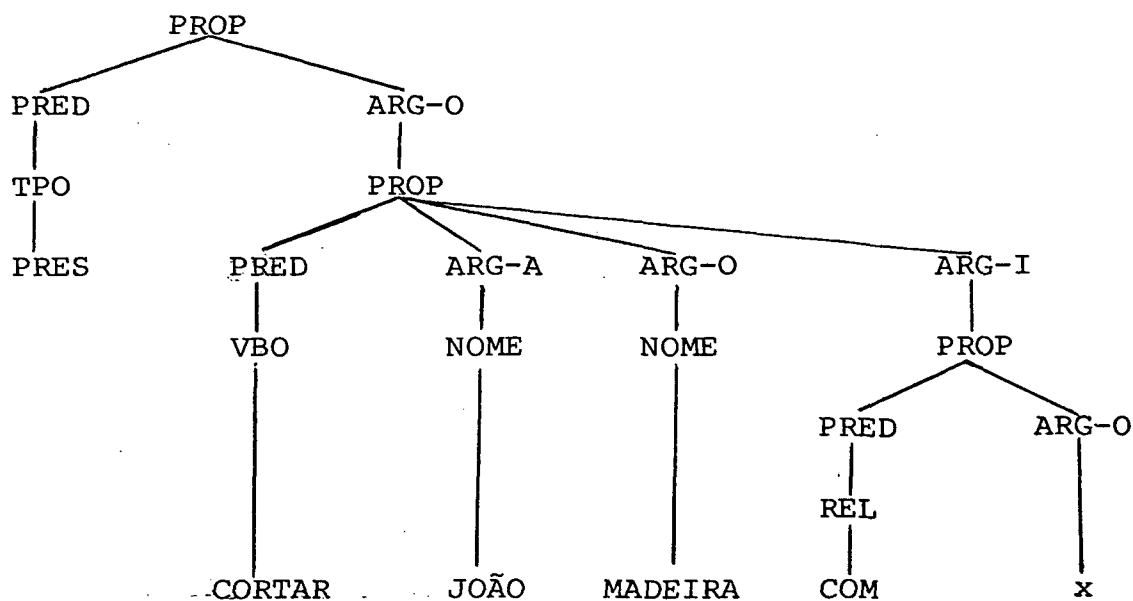
A respeito dos "sintagmas preposicionais e adverbiais" concordamos em que venham de estruturas em que a preposição ou um adjetivo ocupam o lugar do verbo. Acreditamos, no entanto, que nem sempre este verbo está numa Proposição superior. Algumas vezes, e isso depende do Predicado, servindo mesmo para caracterizá-lo, esta preposição constitui um argumento do Predicado. É o que procuramos demonstrar nas páginas seguintes, em frases do Português.

Ao dizer "João anda", é claro que fica subentendido "em algum lugar". Neste sentido, o verbo andar é um predicado de dois argumentos e não apenas de um () como sugere a nossa gramática ao classificar este verbo de "intransitivo". Na base, a forma desta proposição seria como apresentamos, acrescentando as noções de caso:



Esta constitui a Estrutura nº 2 em nosso trabalho. (6)

Para uma oração como "João corta madeira" supomos uma representação subjacente como segue, que corresponde à estrutura nº 1 neste trabalho.



Vê-se aí ser CORTAR um verbo de três argumentos. Vê-se também que Locativo não é um caso requerido por este verbo.

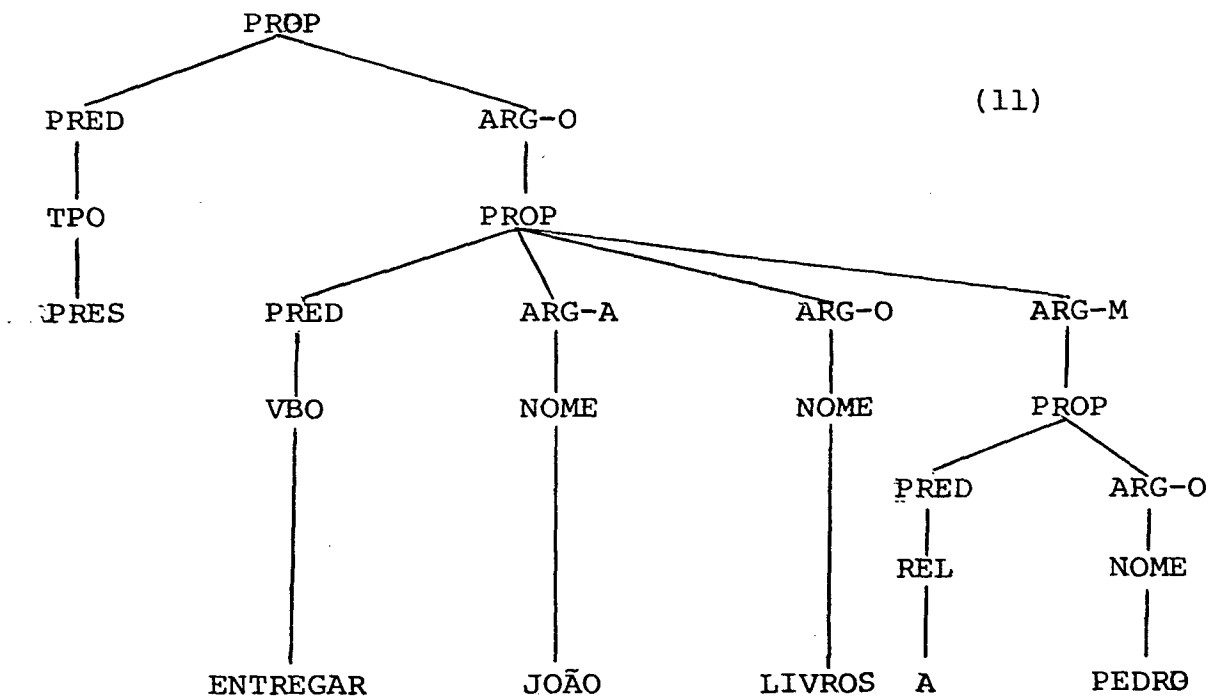
Desejando-se expressar o local onde se desenrola o acontecimento, isto será indicado pela conjunção de duas Proposições. Teremos algo como:

1 | DECL EU | 2 | ESTAR JOÃO | 3 | EM FLORESTA | 3 | 2 | (10)

4 | CORTAR JOÃO MADEIRA | 5 | COM x | 5 | 4 | 1

onde: 2 | 2 e 4 | 4 são Objetivo do Performativo;
 3 | 3 é Locativo de estar;
 5 | 5 é Instrumental de cortar.

Numa oração como "João entrega livros a Pedro", correspondente à Estrutura nº 6 neste trabalho, temos:



Vemos nos exemplos acima os Argumentos Meta, Locativo, Instrumental sempre constituídos por Proposição encaixada em que o Predicado é um Relator - atualizado em Português por um tipo de palavra chamado preposição. Há igualmente em Gaivão uma classe de palavras que atualiza estes Relatores.

Para os NCMES, Adotamos a proposta de Bach (1968) considerando-os Predicados na estrutura subjacente. Desta forma um sintagma nominal com "a casa" é dito provir de uma estrutura da forma: $\left| \begin{matrix} 3 \\ 1 \end{matrix} \right| x \left| \begin{matrix} 2 \\ 2 \end{matrix} \right| \left| \begin{matrix} \text{casa} \\ 1 \end{matrix} \right| x \left| \begin{matrix} 2 \\ 1 \end{matrix} \right| \left| \right|$. Sendo, porém, uma das primeiras transformações aquela que passa NOME à dominância direta de Argumento, propusemos dois tipos de Predicados: NOME e PRE DICATIVO, como está na Regra Sintagmática (RS) 6

NOME, em nosso trabalho, é constituído por dois tipos de elementos: os designativos dos interlocutores do Discurso (EU. TU), predicados atômicos que denominamos INTERLOCUTOR; os demais, chamados NOMEADOR, predicados não atômicos, isto é, cuja Representação Semântica é complexa.

PREDICATIVO, conforme a R.S.7, pode ser CONTEN TIVO, OPERADOR, PERFORMATIVO. As duas primeiras categorias pro postas por Bach (1968), a terceira retomada a Austin (1970).

Lakoff (1970) propõe como Performativos de base: DECLARAR, ORDENAR e PERGUNTAR correspondentes respectivamente às frases Declarativas, Imperativas e Interrogativas.

Angenot e Vincke (s/d) propõem uma redução deste esquema a partir da paráfrase de Kiparsky para "Who is there" como "I request that you name the person who is there". O que aqueles lingüistas fazem é reduzir a dois os performativos: DECLARAR e ORDENAR, sendo que um enunciado interrogativo teria na base uma forma como abaixo:

EU ORDENAR TU TU DIZER EU
ou ainda
ORDENAR EU_TU DIZER TU EU

onde fica explícito que toda questão superficial pertence à classe das frases imperativas.

Considerando que uma interrogativa não é necessariamente uma ordem, pode se constituir num pedido ou exortação, estabelecemos não dois mas três performativos de base: DECLARAR, EXORTAR, ORDENAR, correspondendo às frases básicas:

DECLARAR - DECLARAR EU....

EXORTAR - EXORTAR EU....

ORDENAR - ORDENAR EU ...

A interrogativa pode, então ser resultado de duas seqüências de predicados encaixados: EXORTAR EU DECLARAR TU
ORDENAR EU DECLARAR TU
Conforme a questão tenha um caráter de PEDIDO (convite) ou ORDEM.

Neste trabalho, estamos apresentando apenas as frases DECLARATIVAS AFIRMATIVAS.

De Fillmore retomamos a visão do relacionamento de cada Argumento com seu Predicado: os Casos. Não discutimos certas relações como, por exemplo, entre o Predicado Tempo e seu Argumento. Estabelecemos que tal Argumento é sempre Objetivo.

Fillmore reescreve Sentença como Modalidade + Proposição. Para nós, deixa de existir a Modalidade como elemento exterior à Proposição. Sentença é reescrita como Proposição e, opcionalmente, uma nova Proposição que pode ser ou não precedida de um Conector. Todo enunciado é, assim, resultado da sintatização ou paradigmatização de Predicados atômicos de base.

O nóculo K de Fillmore, também desaparece; as preposições de superfície são igualmente predicados de base a que chamamos Relator. Este, como Tempo, demanda sempre um Argumento objeto, a nosso ver.

Usamos os Casos para identificar tipos de frases. Não chegamos à classificação dos verbos ou à associação de verbos sinônimos, objetivos possíveis de serem alcançados dentro da formulação de Fillmore.

A respeito da coexistência de casos na Estrutura Subjacente, acreditamos que aí todos os casos essenciais ao verbo estão presentes. Podem, no entanto, ser representados por elementos vazios que assim não aparecerão na forma de superfície. Há, a par disso, possibilidade de serem acrescentadas relações (Argumentos) não essenciais ao Verbo que, portanto, não devem ser considerados para a caracterização dos tipos de frase.

A possibilidade de um caso subjacente figurar como sujeito na superfície é, acreditamos, determinada em cada língua pelas Regras Transformacionais específicas a cada uma. Assim, por exemplo, o verbo "dar" (ing. "to give", franc. "donner") ocorre num contexto | ____ A + O + M | mas, enquanto em Inglês e Francês qualquer um dos casos pode ocorrer como seu sujeito na superfície, em Português apenas Agente e Paciente o podem, conforme evidenciam as frases a seguir: (7)

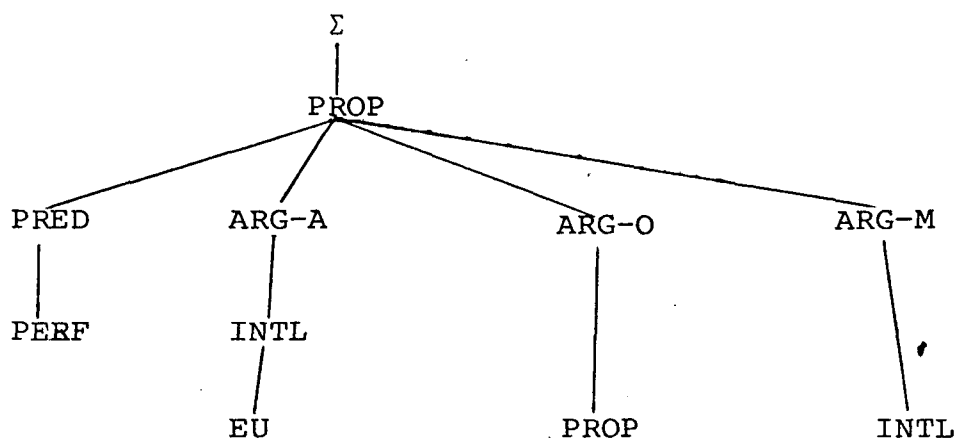
John gave the books to my brother
 Jean a donné les livres à mon frère.
 João deu os livros a meu irmão.

The books were given to my brother by John.
 Les livres ont été donnés à mon frère par Jean
 Os livros foram dados a meu irmão por João

My brother was given the books by Jean
 Mon frère s'est vu donner des livres par Jean
 (em Português é impossível uma frase paralela a menos que se troque o verbo).

Fillmore (1971) afirma, arrematando o artigo, que não encontrou ainda notação adequada para expressar a Gra

mática de Casos tal como a concebe. Em nosso trabalho resolve mos adotar a seguinte notação:



Onde se vê: Sentença reescreve-se como Predi cado Performativo cujos Argumentos essenciais manifestam respec tivamente Agente (EU). Obietivo (Prop) e Meta (TU). Afirmamos ser Meta um caso essencial do Performativo porque mesmo o monô logo exige alguém, o próprio EU, para quem se dirigir. A ⁽⁸⁾ Pro posição, por sua vez, reescreve-se como "Predicado Argumento", onde os casos são como anteriormente explicado (v. 2.2.)

Os casos são assinalados junto a Argumento, o que significa não serem reescritura desta categoria mas tão so mente um rótulo que indica a relação Argumento Predicado.

Deve haver na Teoria um princípio geral que diz ser o primeiro Preciçado da Proposição imediatamente domina da por obrigatoriamente um Performativo.

Quanto às Transformações, são regras que ope ram da mesma forma que na formulação standard da G.T.: modificam a forma sem alterar o conteúdo semântico. Elas requerem uma des crição estrutural (D.E.) da cadeia e a mudança estrutural (M.E) se efetua apenas quando hã a configuração requerida; classificam

se em obrigatórias e opcionais, conforme sua não-aplicação in
terfira ou não na boa formação da cadeia de superfície.

NOTAS DO CAPÍTULO 2

- (1) V., p. ex., Chomsky 1970: 184-5
- (2) Afirmava o Prof. Quicoli (VI IBL) que o Componente Fonológico deveria atuar sobre a Estrutura Profunda também e não apenas sobre a Estrutura de Superfície, como a firma a teoria standard.
- (3) Cf., p. ex., as TR 2 e 3. Em Português se aplica a TR 2: temos a ordem S V O na oração; em Gavião aplica-se ainda a TR 3 mudando esta ordem para S O V.
- (4) V. Lakoff (1968 mimeografado: 2-3)
- (5) Predicados de um Argumento seriam os chamados verbos intransitivos como em Português. Consideraríamos neste caso apenas verbos como Cair, Morrer, Nascer, p.ex. É uma questão a estudar.
- (6) Há em Gavião um verbo IPA que parece corresponder a "estar andando" (cf. Frases 115. 118). Acreditamos que o seu contexto seja o evidenciado na figura 8.
- (7) Os exemplos em Inglês e Francês são de Galmiche (1975).
- (8) Uma afirmativa como "Ele virá" pode ter como Argumento Meta do Performativo tanto EU como TU, dependendo de que seja parte de um monólogo ou de um diálogo.

3. SISTEMA GAVIÃO

3.1. ESTRUTURA DE SUPERFÍCIE

3.1.1. Ordem dos Elementos na frase

O dialeto gavião apresenta, no geral, uma estrutura sintática em que o termo determinante se antepõe ao determinado.

50. É o que podemos ver em:

ikra	i	kra
	eu	filho

ipar	i	par
	eu	pé

rop krã	rop	krã
	cachorro	cabeça

49. mĩre krã xa	mĩre	krã	xa
	jacaré	pequeno	cabeça estar em pé

4. mpa te kyj to amjĩ hyr	mpa	te	kyj	to	amjĩ	hyr
	nós	Pass	faca	com	se	cortar

Nas orações, o sujeito se mantém em primeira posição, o que caracteriza a ordem direta; o verbo, porém, está no final da cadeia, caracterizando a ordem indireta, salvo quando há negação ou opera uma Transformação que movimenta o argumento Locativo para última posição. Das frases declarativas negativas temos exemplos em 137 - 139.

Uma outra situação em que verbo aparece superficialmente antes do fim da cadeia é quando opera uma Transformação de movimentação do Locativo não essencial ao Predicado. Esta TR é opcional. Em 20 e 21, por exemplo, ela não poderá apli

car; 26 e 27 mostram sua aplicação. A sobrevivência do Relator Kãm, em 21, face à sua ausência em 28, atesta sua presença na representação subjacente. Como será visto em 2.2.2., o argumento essencial que esteja explícito na base sempre se atualiza, a menos que já esteja contido na representação semântica do verbo da oração.

A sobrevivência do Relator, indicando o caráter essencial do caso subjacente por ele representado, explica a gramaticalidade de 4 e 5 face à agramaticalidade de 6.

Passaremos agora a focalizar alguns aspectos específicos:

3.1.2. Estrutura do Nome

Entendemos por Nome todo elemento que na superfície pode representar o núcleo de um caso do Predicado.

Encontramos em Gavião nomes com radical⁽¹⁾ simples como rop, pyt e compostos de dois ou mais elementos. É destes últimos que passaremos a tratar.

A partir dos dados estabelecemos quatro grupos para uma primeira comparação.

1º Grupo: Aqui se estabelece uma relação de posse entre dois elementos. Neste caso, o termo determinante ocorre antes do determinado. A sua interpretação pareceu-nos possível em dois sentidos: como palavras compostas e, portanto, unidade; como locução. Preferimos a primeira já que sintaticamente tais elementos não permitem a inclusão de outro entre si. É o caso dos termos ditos inalienáveis:

ikrã eu cabeça (cabeça de mim)
ropkrã..... cachorro cabeça (cabeça do cachorro)
iapak eu orelha (orelha de mim)

pārpa.....pau braço (braço do pau)

Nos compostos, cada palavra mantém seu esquema acentual.

2º Grupo: Aqui dois elementos estão juntos sem que seja estabelecida relação de posse, e o determinante ocorre de pois do determinado. A mesma razão por que consideramos compostos no primeiro grupo levou-nos a esta interpretação aqui. É o caso de:

pårkre literalmente pau buraco (canoa, cocho)
itokrere⁽²⁾ olho buraco pequeno (cego)

Vemos ser o determinante mais um descritivo nestes exemplos: canoa é "pau com buraco" ou "pau escavado". cego é "olho com buraco" ou "olho furado".

Nos dois casos acima, vimos compostos em que os dois elementos são de um mesmo tipo a que chamamos Nome. Temos ainda dois outros grupos a considerar:

3º Grupo: Consideramos aqui Nomes cujos elementos pertencem a diferentes classes, pois um deles pode ser Predicado de superfície, mas não núcleo de caso. Exemplificamos:

kotykti literalmente líquido bem preto (café)
kukrytkaprikre anta vermelha pequena
kukryttykti anta preta grande
kokoixũmre macaco macho pequeno

Ainda aqui preferimos considerar um composto onde determinante vem depois do determinado, já que é impossível a ocorrência de um termo entre os dois.

4º Grupo: Um tipo que superficialmente é idêntico ao anterior

está exemplificado na relação depois de 52 a 55. Há, no entanto, a possibilidade de inclusão de um elemento entre os dois. Na verdade temos uma seqüência equivalente às frases nominais do Português, sendo o segundo elemento o Predicado da oração.

Para explicar estas diferenças superficiais tomaremos os grupos de dois a dois.

Considerando os grupos 1 e 2, vemos que são superficialmente semelhantes: em um e outro temos Nome + Nome formando o composto. Como explicar, portanto, a relação de posse estabelecida no primeiro caso e inexistente no segundo?

Vendo o Lêxico num enfoque standard, diríamos que ^{qu} palavras como: krã, hapak, pa, que não podem ocorrer isoladas, contêm o traço semântico |- completo|, enquanto kre tem o traço |+ completo|.

O traço completo possibilita a interpretação dos Nomes como independentes ou não, i.e., alienáveis e não-alienáveis. Por exemplo, tep (peixe) não se reporta a outra idéia. Peixe é somente isso: um animal com tais características, estaria marcado na E.P.

+ N
+ completo
α Fi

De outro lado, - kÿ (pele; invólucro) sempre se reporta a outra idéia. O falante de Gavião não percebe "pele" como algo independente, é sempre "pele de alguma coisa". Seria portanto:

+N
-Completo
α Fi

Exemplificamos:

i kÿ que dizer..... minha pele
 pâr kÿ casca de árvore
 mpo kÿ qualquer coisa que cobre

As palavras marcadas | - completo || estão sempre relacionadas a outra na E.P., sendo possível o desaparecimento desta última no curso da derivação da sentença em que estão encaixadas.

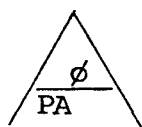
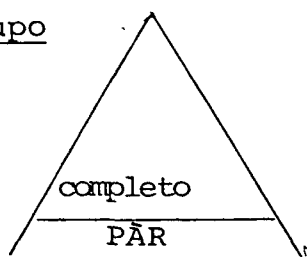
Um exemplo do que dissemos acima são os termos de parentesco onde nem sempre podemos identificar formalmente o possuidor, mas o sentimos presente. Exemplificamos:

ixũ meu pai
 apam pai(ind)
 ãxẽ minha mãe
 anã mãe (ind)

Vamos deixar de falar em traços, pois conduzimos nossa análise em termos de predicados atômicos.

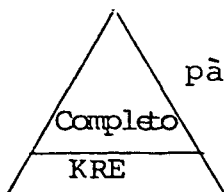
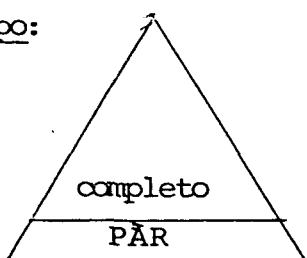
Consideramos as palavras de superfície como paradigmatizações de átomos semânticos que foram fonologizadas. Diremos, então, que as palavras do segundo grupo têm em sua representação subjacente o Predicado completo cuja presença subjacente caracteriza o termo como "alienável" enquanto que as do primeiro não o têm. Retomamos um exemplo de cada.

1º Grupo



pârpa = braço da árvore
(galho)

2º Grupo:



pârkre = pau escavado
(canao)

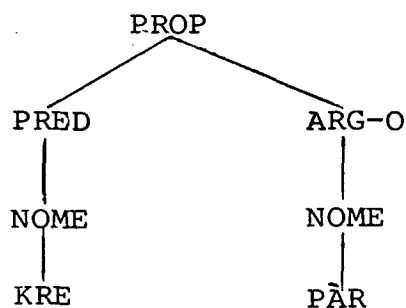
Evidenciam-se aí três fatos: (i) quando um termo é não-completo ele mantém com o outro do composto uma relação de posse;

(ii) o termo não completo localiza-se depois daquele que o determina;

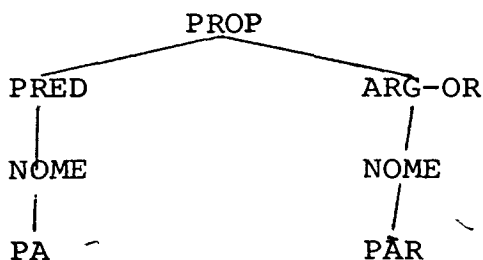
(iii) quando o segundo termo tem o Predicado completo, funciona como um descritivo.

A relação subjacente entre os dois termos parece-nos explicar melhor o fato de superfície.

No segundo grupo, acreditamos estar diante de uma representação subjacente em que kre é o Predicado e pâr o Argumento, mantendo com o Predicado uma relação de Objeto. Temos a representação subjacente:



No primeiro, o Predicado é pa e o Argumento pâr mantêm com ele uma relação de Origem. A representação subjacente é:



Isto leva-nos a reconsiderar o item (ii) do que evidenciamos há pouco. Na verdade o que há é a aplicação da TR 3, que desloca o Predicado para última posição na cadeia, processo típico no Gavião, que já comentamos a respeito do Verbo e veremos mais adiante em relação a Tamanho e Relator, dois outros Predicados Contentivos na representação subjacente.

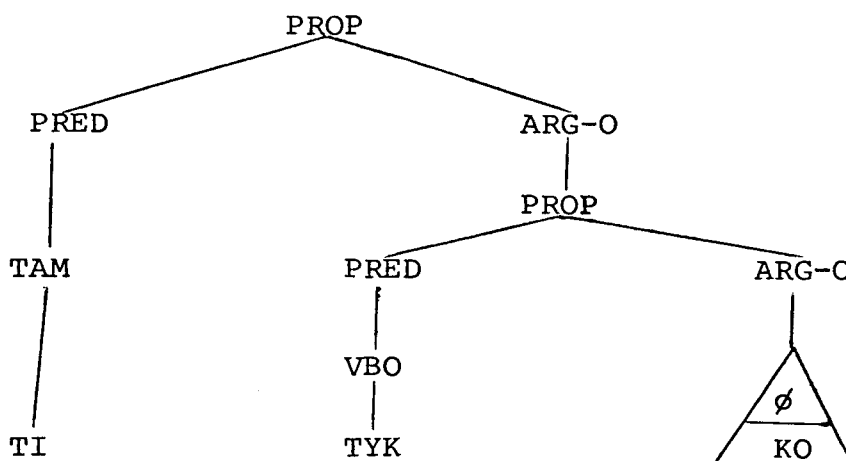
Considerando o terceiro e quarto grupos, temos mais uma vez uma estrutura superficialmente idêntica: Nome mais o que parece ser um Adjetivo. Temos, aliás, o mesmo adjetivo funcionando nos dois tipos de construção.

kotykti..... água bem preta (café)
ken tykti..... a pedra é preta (3)

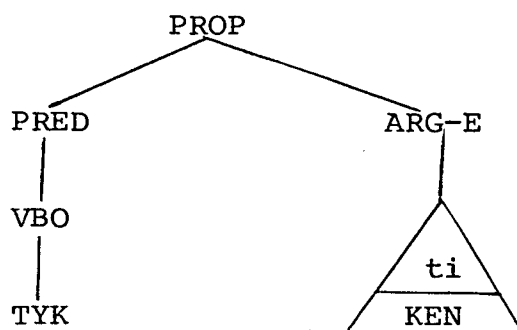
Considerando estas formas em relação às seguintes: *ko ita tykti e ken ita tykti (Estrutura 3.), a agramaticalidade da primeira em relação ao conteúdo semântico "café", embora seja perfeitamente gramatical para expressar "esta água é/está preta" - ao lado da gramaticalidade da segunda - evidencia dois comportamentos sintáticos que devem ser explicados por formas subjacentes diversas.

Dada uma forma subjacente onde cada Predicado se relaciona com Argumento(s) em termos de Casos, podemos explicar como segue: Os Nomes do terceiro grupo têm uma forma subjacente em que Nome - no exemplo que tomamos, ko - é Objeto do Predicado - tyk, no caso; os do quarto grupo têm um Nome que é Experimentador do Predicado.

A representação subjacente dos dois grupos seria, simplificada, como segue: (4)

3º Grupo:

Vemos abaixo a representação subjacente aos elementos que compõem o 4º Grupo, mantendo-se como oração na superfície.

4º Grupo:

Os gráficos acima evidenciam: (i) as relações respectivamente de Objetivo e Experimentador entre o Argumento e o verbo tyk;

(ii) no 3º grupo, Tamanho é um Predicado que comanda o verbo tyk e seu Argumento ko. Ele subsiste até a su perfície e é fonologizado em ti, que ocorre como um sufixo;

(iii) no 4º grupo, Tamanho é um Predicado pre sente na apresentação subjacente de ken, assim o sufixo de su

perfície é produto de uma Transformação de concordância.

Além dos quatro grupos de Nomes de que acaba
 mos de tratar, há um outro em que basicamente temos um Verbo
 mais um elemento sufixal que corresponde a "instrumento para"
 ou, como dizem os Índios, "serve para". Temos assim:

amjipupunxãespelho
 "serve para se ver"
 hitomxã.....porta
 "serve para entrar"
 ariaxã.....rede
 "serve para pendurar"

Não aprofundamos neste caminho mas, a julgar
 pelos dados que colhemos, este processo é o preferencialmente u
 sado para formar Nomes de elementos desconhecidos pela cultu
 ra gavião. (5)

3.1.3. Predicadôs Contentivos

Ainda a propósito da ordem de superfície, veremos agora como se apresentam Tempo, Relator e Tamanho.

A oração declarativa do Gavião pode se referir a um fato já passado, a um fato atual, a um fato por vir⁽⁶⁾.

Para qualquer destas formas a negação se expressa superficialmente através de uma palavra no final da oração; como já dissemos no início deste sub-capítulo.

A respeito da manifestação de Tempo na superfície, temos que: (i) o Presente não é marcado foneticamente. Considerando, por exemplo, um conteúdo como o da oração 1 "cachorro farejar anta" teríamos o enunciado de superfície:

rop kukryt pã cachorro fareja anta

(ii) a expressão do Passado, na superfície, faz-se por uma partícula situada imediatamente após o sujeito superficial, salvo casos em que esta partícula é suprimida no decorrer da derivação.⁽⁷⁾ Pode haver concomitantemente um prolongamento consonântico do Verbo. É o que ocorre, para mantermos o exemplo, em 1.

(iii) o Futuro manifesta-se por uma partícula, nõ, que se antepõe ao Verbo. Teríamos assim:

rop kukryt nõ pã cachorro vai farejar anta

Relator, que ocorre na representação subjacente numa Proposição encaixada e terá fonologização diferente conforme o caso por ela representado, ocorre superficialmente depois de seu Argumento profundo, já que sofreu a TR 3 a que nos referimos ao tratar do primeiro e segundo grupos de Nomes.⁽⁸⁾

Tamanho, na superfície, conforme vimos ao tra-
tar dos grupos 3 e 4, pode ser a fonologização de um Predicado
subjacente ou ocorrer num processo de concordância. Em Gavião a
concordância se faz, neste tipo de oração nominal, do Predicado
com o seu sujeito superficial.

3.2. COMPONENTE LÓGICO-SEMÂNTICO-SINTÁTICO

Este componente é constituído por dois tipos de Regras: regras de reescritura e regras transformacionais.

As primeiras, que abreviaremos como R.S., explicitam os elementos de ordem lógico-semântica que entram na organização do discurso lingüístico. Elas são da forma $X \rightarrow Z$, onde X é um só elemento e Z um conjunto de elementos. Quando a ordenação dos elementos à direita da flecha é relevante, dizemos que estas são regras sintagmáticas; quanto não o é, temos regras de sub-categorização. (9)

As regras transformacionais, (TR), modificam o arranjo dos conteúdos semânticos, separando elementos, associando-os, suprimindo-os, mudando seu lugar na cadeia ou adicionando elementos, (10) podendo também efetuar simultaneamente algumas dessas mudanças.

3.2.1. Regras de Reescritura

Estas primeiras regras obedecem a algumas restrições que passamos a enumerar:

- (1) As regras de reescritura reescrevem símbolos à esquerda da flecha, se e somente se, tais símbolos são finais em uma derivação;
- (2) São regras de expansão, substituem um símbolo único por um ou mais símbolos. X é igual a um símbolo, não pode ser nulo; a seqüência que o reescreve deve consistir em pelo menos um símbolo, não podendo igualmente ser nula;
- (3) O símbolo que é reescrito não pode ocorrer à direita da seta, exceto se estiver entre parênteses o que servirá para indicar recursividade.
- (4) Em toda Proposição simples há no máximo um Argumento que

preenche uma função casual dada. Este Argumento pode ser composto.

As regras são como passamos a enumerar abaixo:

R.S. 1 $\Delta \longrightarrow (\#\# \Sigma \#\#)^n$ condição $n \geq 1$

O discurso é constituído de uma ou mais sentenças, precedida(s) e seguida(s) de silêncio.

R.S. 2. $\Sigma \longrightarrow$ PROPOSIÇÃO ((CONETOR) P)

A sentença é constituída por uma Proposição que pode ser seguida de outra sentença a ela ligada diretamente ou por intermédio de um conetor.

R.S. 3. PROPOSIÇÃO \longrightarrow PRED_{nK} ARG^{nK} (ARG^K)ⁿ

A Proposição é constituída de um Predicado, que requer um número e tipo determinado de Casos (K) e tantos Argumentos, de tais tipos, quantos forem requeridos pelo Predicado. É possível ocorrerem Casos não essenciais ao Predicado.

R.S. 4. ARGUMENTO \longrightarrow ((Variável) (PROPOSIÇÃO))

O Argumento é constituído seja de uma variãvel, seja de Variável mais Proposição, seja ainda de uma Proposição.

R.S. 5. Variável \longrightarrow x,y,z.

As variáveis são elementos operacionais, semanticamente vazios.

R.S. 6. K \longrightarrow AGENTE, EXPERIMENTADOR, INSTRUMENTAL, OBJETIVO, ORIGEM, META, LOCATIVO, TEMPORAL.

Os Casos, manifestados pelos Argumentos, ocorrem segundo a exigência do Predicado. A hierarquia dos Casos é revelada pela ordem de sua enumeração na regra.

R.S. 7. CONETOR $\longrightarrow \Lambda, V, \supset, \equiv$

O Conetor, que eventualmente percede uma sentença, relaciona-a com a Proposição que a antecede em termos de adição (conjuntor Λ), alternância (disjuntor V), implicação (implicador \supset) ou equivalência (equivalente \equiv).

R.S. 8. PRÉDICOADO \longrightarrow NOME, PREDICATIVO

O Predicado pode ser de dois tipos, especificados nas regras que vêm a seguir:

R.S. 9. NOME \longrightarrow INTERLOCUTOR, NOMEADOR

A categoria Nome inclui as duas pessoas do discurso e as denominações por elas dadas ao mundo que as rodeia.

R.S. 10. INTERLOCUTOR \longrightarrow EU, TU

Embora Tu e Eu sejam habitualmente tratados como "pronomes", consideramo-los predicados atômicos de base.

R.S. 11. NOMEADOR \longrightarrow Re.Se.

Estabelecemos que cada um dos Nomeadores de superfície é a paradigmática de uma Representação Semântica incluindo um número indeterminado de Predicados. É, portanto, por desejo de simplificar a exposição e impossibilidade de no momento detetar todos os átomos semânticos utilizados pelo sistema Gavião que dizemos, por exemplo, $\{x \mid \text{casa } x\}$. Aí, casa é uma Representação Semântica complexa. ⁽¹²⁾

R.S. 12. PREDICATIVO \longrightarrow PERFORMATIVO, OPERADOR, CONTENTIVO

O Predicativo pode ser de três tipos, especificados nas regras que se seguem.

R.S. 13. PERFORMATIVO —→ DECLARAR, ORDENAR, PEDIR

Os Performativos de base são três e introduzem respectivamente orações declarativas, imperativas e exortativas.

R.S. 14. OPERADOR —→ QUANTIFICADOR, FOCO, GENÉRICO

O Operador pode ser um Quantificador, um Foco ou Genérico.

R.S. 15. QUANTIFICADOR —→ E, V, M, MUITO, POUCO, TODOS, NUMERAL...

O Quantificador pode ser: Existencial⁽¹³⁾; Universal, correspondente a "todo"; Majoritário, "a maioria de"; Muito; Pouco; Todos; Numeral. Esta lista não é fechada pelo fato de não estarem explicitados quais os Quantificadores possíveis de ocorrer nas diferentes línguas.

R.S. 16. CONTENTIVO —→ LUGAR, TEMPO, MANEIRA, CAUSA, SEXO, NEGAÇÃO, FREQUÊNCIA, VERBO, ASPECTO, TAMANHO, EXISTÊNCIA, POSSE, HUMANO, RELATOR, INTENSIDADE....

A regra, como a anterior, mostra não ser ainda possível estabelecer todos os predicados Contentivos.

R.S. 17. TEMPO —→ PASSADO, PRESENTE, FUTURO

O Tempo pode ser anterior ao momento da declaração ou ao fato declarado, pode ser atual ou posterior a eles.

R.S. 18. ASPECTO —→ COMPLETO, INCOMPLETO, CONTÍNUO, DESCONTÍNUO, INCLUSIVO, EXCLUSIVO, MOMENTÂNEO...

Esta regra, como a 15 e a 16, deixa claro não ser ainda possível precisar qual a lista total de aspectos que podem ser expressos nas línguas humanas.

R.S. 19. VERBO \longrightarrow VBO_{1K}, VBO_{2K}, VBO_{3K}.....

O Verbo pode exigir um, dois ou três Casos. Deixamos a lista em aberto porque pode ser que haja línguas que admitam Verbos com mais de três casos essenciais.

R.S. 20. TAMANHO \longrightarrow GRANDE, PEQUENO

Tamanho pode ser reescrito de duas maneiras.

R.S. 21. EXISTÊNCIA \longrightarrow VIVO, MORTO.

Existência pode ser reescrito de duas maneiras. (14) manei

3.2.2. Transformações

Dadas as regras de reescritura, operam Transformações que agem no sentido já explicado, modificando o arranjo das cadeias explicitadas por aquelas primeiras regras.

Entendemos serem as Transformações de dois tipos: universais e culturais. Tipo destas últimas seriam aquelas que associam noção de sexo e elementos assexuados.

Neste trabalho restringimo-nos às Transformações que nos parecem de caráter universal e dentre estas às que permitissem explicar a história derivacional de alguns tipos de orações declarativas afirmativas, conforme exposto em 1.1.

As regras transformacionais são também do tipo $X \longrightarrow Z$ mas aqui há sempre uma cadeia à esquerda e à direita da seta. Elas operam segundo o princípio cíclico, sendo algumas, aqui a de concordância, pós-cíclicas.

Uma restrição derivacional diz que sempre que dado elemento terminal, tendo sofrido Transformações, encontrar-se sob dominância de dois nódulos consecutivos, passa à dominância direta do mais alto e o intermediário é suprimido.

São como seguem, devidamente ordenadas, as Transformações que permitem explicar a realização superficial (cadeia sintática) daqueles tipos de estrutura subjacente apresentados em 2.3.:

Transformação 1. ARGUMENTO NOMINAL

D.E. $X_1, \overset{1}{2} \mid \overset{2}{x} \mid \overset{3}{3} \mid \overset{4}{NOME}, \overset{5}{3} \mid \overset{2}{2}, X_2$

M.E. 1) $2 \longrightarrow \emptyset$

2) $4 \longrightarrow \emptyset$

Esta TR suprime dois limites de Proposição en caixadas, levantando NOME à dominância do Argumento da Proposição superior às suprimidas. A cadeia resultante é:

1 \emptyset 3 \emptyset 5

Transformação 2. ANTEPOSIÇÃO DO ARGUMENTO₁

D.E. 1 2 3 4
 X₁, PRED, ARG, X₂

M.E. 1) 1 \implies 1[^]3

 2) 2 \implies \emptyset condição 2 \neq TPO, ASP

Esta TR combina em nova ordem os elementos da frase, levando o primeiro Argumento a preceder Predicado, deixa de aplicar-se quando o Predicado é Tempo ou Aspecto. A cadeia resultante é:

1 3 2 \emptyset 4

Transformação 3. DESLOCAMENTO DO PREDICADO VERBO

D.E. 1 2 3 4 5
 X₁, ARG, VBO, X₂, ARG

M.E. 1) 5 \implies 5 3

 2) 3 \implies \emptyset

Esta TR, como a anterior, recombina os elementos, posicionando o Verbo em último lugar na frase. A cadeia resultante é:

1 2 \emptyset 4 5 3

Transformação 4. LOCALIZAÇÃO DA INTENSIDADE

D.E. X_1 , VBO, $\{$, INT, $\}$, X_2

M.E. 1) 2 \Longrightarrow 2 4

2) 4 \Longrightarrow \emptyset

3) 5 \Longrightarrow \emptyset

Esta TR abaixa a Intensidade, situando-a imediatamente depois do Verbo. A cadeia resultante é:

1 2 4 3 \emptyset \emptyset 6

Transformação 5. LOCALIZAÇÃO DO OBJETIVO

D.E. X_1 , OBJ, ARG, VBO, X_3

M.E. 1) 4 \Longrightarrow 2 4

2) 2 \Longrightarrow \emptyset

Esta TR opera quando há algum Argumento depois de Objetivo na representação subjacente. Posiciona Objetivo imediatamente antes do Verbo. A cadeia resultante é:

1 \emptyset 3 2 4 5

Transformação 6. LOCALIZAÇÃO DO PASSADO

D.E. X_1 , $\{$, PASS, ARG, X_2

M.E. 1) 4 \Longrightarrow 4 3

2) 3 \Longrightarrow \emptyset

3) 2 \Longrightarrow \emptyset

Esta TR abaixa Tempo Passado e o situa imediatamente depois do primeiro Argumento. A cadeia resultante é:

1 \emptyset \emptyset 4 3 5

Transformação 7. SUPRESSÃO I DO PASSADO

1 2 3
D.E. X_1 , PASS, X_2

M.E. 2 \implies \emptyset Condição X_2 não contém 0

Esta TR suprime Tempo Passado quando a oração não contém Argumento Objetivo. A cadeia resultante é:

1 \emptyset 3

Transformação 8. DESDOBRAMENTO DO PASSADO

1 2 3 4
D.E. X_1 , PASS, X_2 , VBO

M.E. 4 \implies 4 2 condição X_2 contém Objetivo

Esta TR, de expansão, reduplica Passado e situa esta forma reduplicada depois do Verbo. A cadeia resultante é:

1 2 3 4 2

Transformação 9. SUPRESSÃO II DO PASSADO

1 2 3 4 5 6
D.E. X_1 , PASS, , OBJ, VBO, X_2

M.E. 2 \implies \emptyset

Esta TR opera quando o primeiro Argumento do Verbo é Objetivo tendo, portanto, sofrido a TR 5 o que não lhe

permite a aplicação da TR 6. A cadeia resultante é:

1 \emptyset 3 4 5 6

Transformação 10. DESDOBRAMENTO DO INTERLOCUTOR

D.E. X_1 , X_2 , INTL

M.E. 2 \implies 2 2'

Esta é uma TR de expansão que repete o interlocutor, não importa a relação mantida com o Predicado. O elemento por ela introduzido mantém-se, no caso de reduções passíveis de ocorrer, em detrimento da primeira forma, então suprimida. A cadeia resultante é:

1 2 2' 3

Transformação 11. APAGAMENTO DO LIMITE DE PROPOSIÇÃO

D.E. X_1 , X_2 , REL, X_3

M.E. 1) 2 \implies \emptyset

2) 4 \implies \emptyset

Esta TR integra à cadeia superior uma Proposição de Predicado Relator, apagando os nódulos intermediários. A cadeia resultante é:

1 \emptyset 3 \emptyset 5

Transformação 12. APAGAMENTO DO PREDICADO EXISTIR

D.E. X_1 , META, OBJ, EXISTIR

M.E. 4 \implies \emptyset

Esta TR suprime o Verbo Existir em construções com Meta e Objeto. Não averiguamos a forma fonologizada de Existir em Gavião, isso equivale a dizer que a TR visa exclusivamente as orações do tipo 5, na tipologia estabelecida em 2.3. A cadeia resultante é:

1 2 3 \emptyset

Transformação 13. REDUÇÃO OBRIGATÓRIA DO INTERLOCUTOR

D.E. $\overset{1}{X_1}, \overset{2}{INTL}, \overset{3}{INTL}, \overset{4}{X_2}$

M.E. 2 $\implies \emptyset$ condição INTL \neq A, E

Esta TR suprime a primeira forma de Interlocutor (v.TR 10) desde que não seja Agente nem Experimentador. A cadeia resultante é:

1 \emptyset 3 4

Transformação 14. REDUÇÃO OPCIONAL DO INTERLOCUTOR

D.E. $\overset{1}{X_1}, \overset{2}{INT}, \overset{3}{INTL}, \overset{4}{X_2}$

M.E. 2 (\implies) \emptyset condição INTL = E

Esta TR, opcional, permite suprimir a primeira forma de Interlocutor quando este é Experimentador. A cadeia resultante é:

1 \emptyset 3 4

Transformação 15. DESLOCAMENTO OPCIONAL DO TEMPORAL

D.E. $\overset{1}{X_1}, \overset{2}{ARG}, \overset{3}{T}, \overset{4}{VBO}, \overset{5}{X_2}$

M.E. 1) $\overset{2}{2} (\implies) \overset{2}{3} \overset{3}{2}$ 2) $\overset{3}{3} \implies \emptyset$

Esta TR permite a localização do Temporal an tes ou depois do primeiro Argumento da oração. ⁽¹⁵⁾ A cadeia re sultante é:

1 2 3 4 5 ou 1 3 2 4 5

Trnasformação 16. SUBJETIVAÇÃO OPCIONAL DO OBJETIVO

D.E. X_1 , ARG₁, 0, X_2

M.E. 1) 2 (\Rightarrow) 3 2

2) 3 \Rightarrow \emptyset

Esta TR permite ao Argumento Objetivo passar à primeira posição na cadeia, tornando-se assim o sujeito de superfície. A cadeia resultante é:

1 3 2 \emptyset 4

Transformação 17. DESLOCAMENTO OPCIONAL DO LOCATIVO

D.E. X_1 , L, VBO, X_2

M.E. 1) 3 (\Rightarrow) 3 2

2) 2 \Rightarrow \emptyset

Esta TR permite a movimentação de Locativo pa ra imediatamente após o Verbo. A cadeia resultante é:

1 3 2 4

Transformação 18. SUPRESSÃO DO ARGUMENTO

D.E. X_1 , ARG, VBO, X_2

M.E. 2 \Rightarrow \emptyset

ARG \subset VBO

Esta TR elimina um Argumento sempre que este ja contido na representação subjacente do Verbo com o qual se relaciona. A cadeia resultante é:

1 \emptyset 3 4

3.3. ALGUMAS ESTRUTURAS ORACIONAIS TÍPICAS

3.3.1. Preliminares

Procuramos estabelecer uma tipologia das representações subjacentes de orações declarativas afirmativas, segundo os casos. Os critérios diferenciadores são o número e tipo de casos essenciais do Verbo. Dizemos caso essencial aquele requerido necessariamente pelo Predicado; casos possíveis, aqueles que podem opcionalmente estar presentes na representação subjacente das orações. Não foi nossa preocupação, apenas, quando ocorreram foram identificados.

Como Predicado Tempo, usamos na forma subjacente o Passado por ser a forma que se apresenta mais desenvolvida na superfície.

CASO TIPO	A	E	I	O	OR	M	L	T
1	x		x	x				
2		x					x	(x)
3		x					(x)	
4	x			x		x		
5				x		x		(x)
6	x					x		
7	x			x				
8		x		x				

3.2. Estruturas

Na apresentação de cada estrutura seguiremos a ordem:

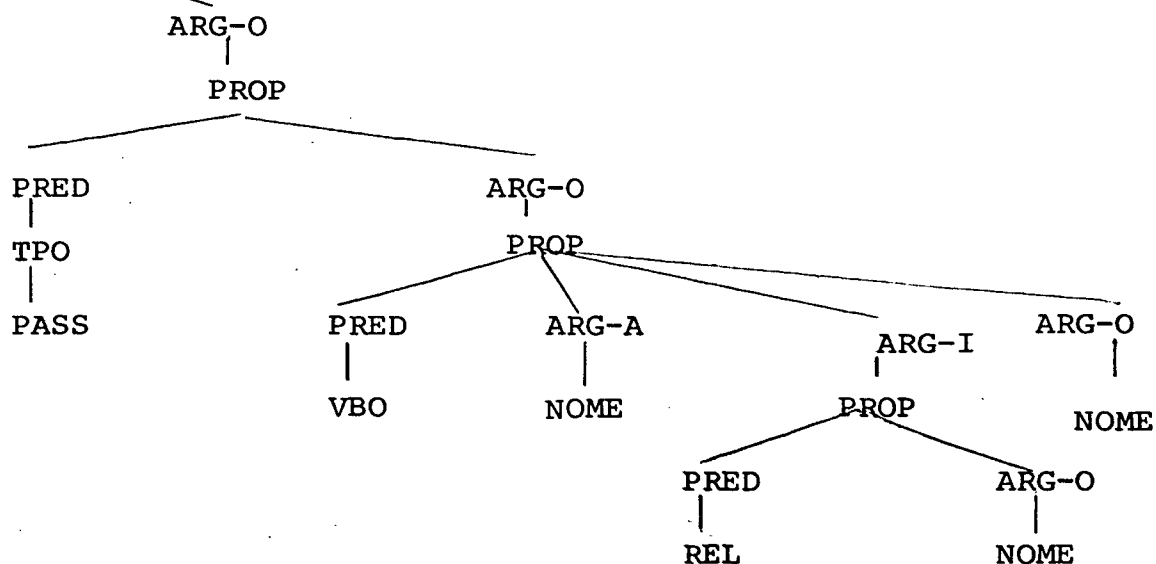
(i) marcador frasal subjacente - aqui, suporemos os conteúdos semânticos já paradigmaticizados. Para a estrutura 6., por exemplo, oração 81., supomos para "assustar" uma representação da forma: [FAZER x y [CAUSAR y SUSTO |z] onde x é Agente, há um Argumento Meta z e "assustar" pode ser parafraseado como "fazer alguma coisa que causa susto".

(ii) representação em parênteses etiquetados;

(iii) números das orações referentes no Corpus;

(iv) história derivacional de uma das orações para demonstrar a aplicação das Transformações.

ESTRUTURA 1



1 | {PASS | VBO NOME | {REL NOME | NOME | }
2 3 3 1

Enquadram-se nesta estrutura as frase^s de 1 a 19. Quando o Nome da Proposição Instrumental não é especificado, sobrevive na superfície apenas o Relator, como em 3. que repetimos em seguida:

3. ka a te to tep kaxêr "Tu pescaste pei
tu tu pass com peixe pescar xe"

Quando o Nome da Proposição Instrumental já está contido na representação subjacente do Verbo, há duas possibilidades de ocorrência: seja toda a Proposição subsiste como em 5., seja toda ela se apaga como em 2. Neste caso, a sobrevivência do Relator sem seu objeto subjacente provocaria um enunciado agramatical, como em 6. Retranscrevemos as três orações:

2. ikra te i xâr "Meu filho me mordeu"

5. ikra te wa to i xâr "Meu filho me mordeu com
| |
dente com dente"

6.*ikra te to i xâr

Derivação da oração 4.

1º ciclo:

TR 1. Argumento Nominal

3 { TO KYJ } 3
↓

TR 2. Anteposição do Argumento 1

{ KYJ TO }
3 3

2º ciclo:

TR 1. |PASS |HY TON |KYJ TO | TON| |
 1 2 3 3 2 1



TR 2. |PASS |TON HY |KYJ TO| TO| |
 1 2 3 3 2 1

TR 3. Deslocamento do Predicado Verbo

|PASS |TON |KYJ TO| TON HY| |
 1 2 3 3 2 1

TR 6. Localização do Passado

1|TON PASS₂ |KYJ TO|₂ TON HY|₁

TR.8. Desdobramento do Passado

|TON PASS |KYJ TO|₂ TON HY PASS|₁
 1 2 2 1

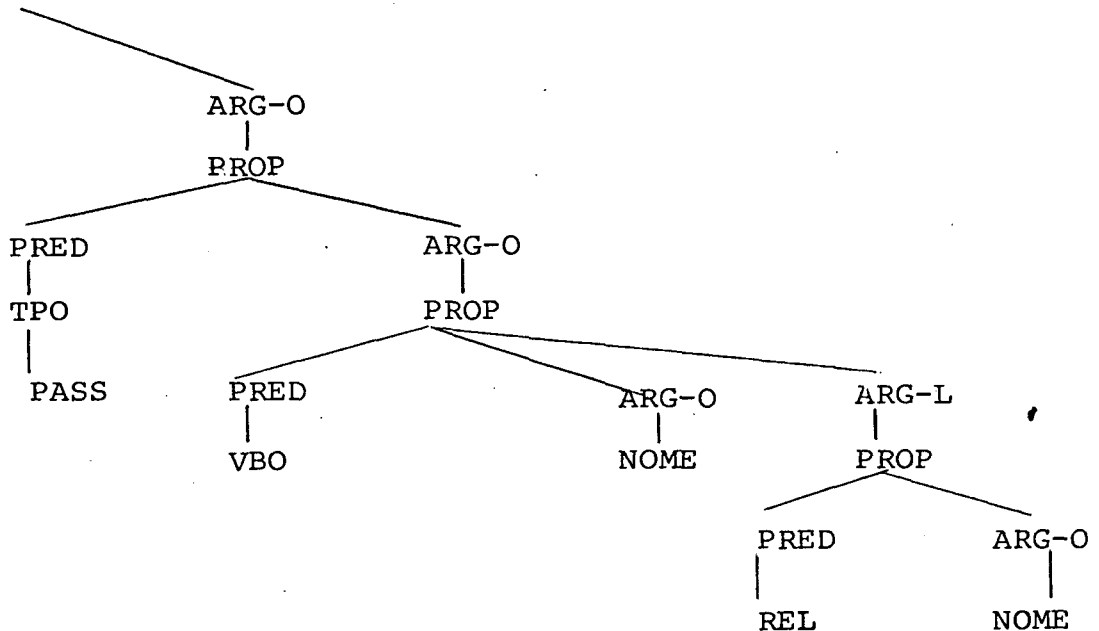
TR.11. Apagamento do limite de Proposição encaixada

|TON PASS KYJ TO TON HY PASS|
 1 1

TR 2. Reflexivização

|TON PASS KYJ TO REFL HY PASS|
 1 1

Em 1., 2., 14., por exemplo, aplicaria ainda a TR 18, que apaga o Argumento Instrumental por estar contido já na representação subjacente do Verbo.

ESTRUTURA 2.

1 | PASS 2 | VBO NOME 3 | REL NOME | 3 | 2 | 1

Enquadram-se nesta estrutura as frases de 20. a 22. Em 20., nota-se a presença de um Argumento Temporal opcional. Ocorre com o Argumento Locativo o mesmo mecanismo do Instrumental: quando não especificado na forma subjacente o Nome, sobrevive apenas o Relator.

Derivação da oração 20.1º ciclo:TR 1. Argumento Nominal

{ KĀM ARIAXĀ }
 3 3
 ↓

TR 2. Anteposição do Argumento 1

{ ARIAXĀ KĀM }
 3 3

2º ciclo:

TR 1. $1 \{ \text{PASS} \}_2 \{ \text{HÖT} \}_3 \text{MPY} \{ \text{ARIAXÄ} \text{ KÄM} \}_3 \text{NÖ} \text{KÄM} \}_2 \{ \}_1$



TR 2. $1 \{ \text{PASS} \}_2 \{ \text{MAPY} \text{ HÖT} \}_3 \{ \text{ARIAXÄ} \text{ KÄM} \}_3 \text{NÖ} \text{KÄM} \}_2 \{ \}_1$



TR 3. Deslocamento do Predicado Verbo



$1 \{ \text{PASS} \}_2 \{ \text{MAPY} \}_3 \{ \text{ARIAXÄ} \text{ KÄM} \}_3 \text{NÖ} \text{KÄM} \text{ HÖT} \}_2 \{ \}_1$



TR 6. Localização do Passado



$1 \{ \text{MPY} \text{ PASS} \}_2 \{ \text{ARIAXÄ} \text{ KÄM} \}_2 \text{NÖ} \text{KÄM} \text{ HÖT} \}_1$



TR 7. Supressão I do Passado



$1 \{ \text{MPY} \}_2 \{ \text{ARIAXÄ} \text{ KÄM} \}_2 \text{NÖ} \text{KÄM} \text{ HÖT} \}_1$



TR 11. Apagamento do limite de Proposição encaixada

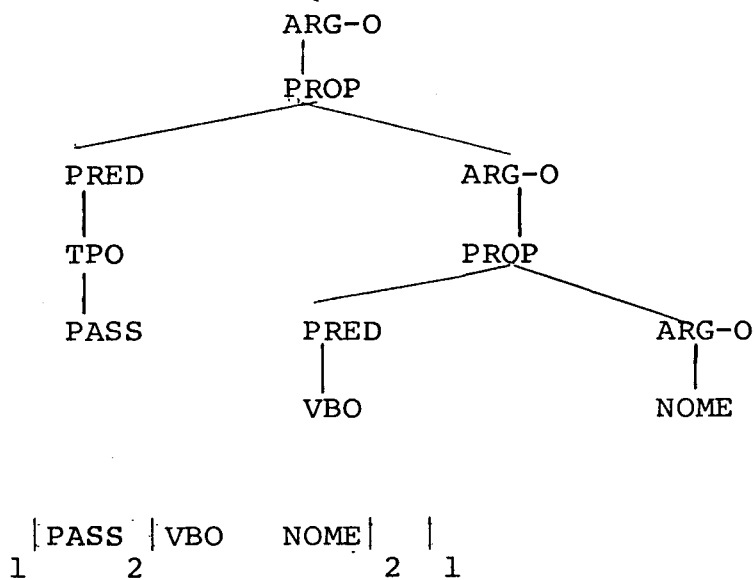


$1 \{ \text{MPY} \text{ ARIAXÄ} \text{ KÄM} \text{ NÖ} \text{ KÄM} \text{ HÖT} \}_1$



TR 15. Deslocamento opcional do Argumento Temporal

$1 \{ \text{NÖ} \text{ KÄM} \text{ MPY} \text{ ARIAXÄ} \text{ KÄM} \text{ HÖT} \}_1$

ESTRUTURA 3.

Pertencem a esta estrutura as frases de 23. a 69. de nosso corpus. É possível ocorrer, e ocorre com bastante frequência, um Predicado Intensidade comandando Verbo. As frases 33. e 34., por exemplo, estão neste caso:

33. ixwa tyjti "Meu dente muito forte"
 |
 muito

34. wa i tyjti "Eu muito forte"

Note-se aí que a marca de Tempo desaparece no decorrer da derivação e apenas o contexto informa tratar-se de um Passado. Esta estrutura corresponde à do Português com cópula (ser e/ou estar).

Pode ainda ocorrer opcionalmente nesta estrutura um Argumento Locativo. É o que vemos em 27. contrastando com 28.

27. Mũ ajrom kãm krôre tykyre "Caititu morto no
 mato em mato"

28. Mũ ton tykyre "Tatu morto"

Derivação de 50.

TR 1. Argumento Nominal

$1 | \text{PASS} \ 2 | \text{TYKY} \ \text{ROP} | 2 \ | \ 1$



TR 2. Anteposição do Argumento 1

$1 | \text{PASS} \ 2 | \text{ROP} \ \text{TYKY} | 2 \ | \ 1$



TR 6. Localização do Passado

$1 | \text{ROP} \ \text{PASS} \ \text{TYKY} | 1$



TR 7. Supressão I do Passado

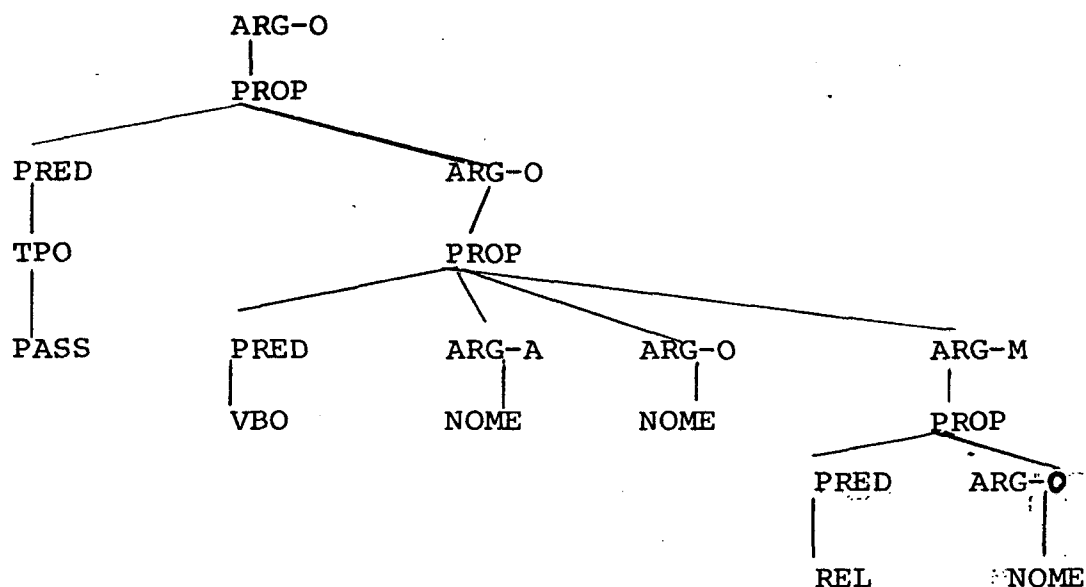
$1 | \text{ROP} \ \text{TYKY} | 1$



TR 19. Concordância de Tamanho

$1 | \text{ROP} \ \text{TYKY} \ \text{RE} | 1$

Em 33., 37., 39., po exemplo, aplicaria a TR 4. de Localização da Intensidade

ESTRUTURA 4.

1 | PASS 2 | VBO NOME NOME 3 | REL NOME 3 | 2 | 1

Enquadram-se nesta estrutura as frases de 70. a 72. em nossos dados. 72. é imperativa. Faremos a derivação de 71.

Derivação de 71.1º ciclo

TR 2. Anteposição do Argumento 1

3 | WA MÃ | 3
 ↓

TR 10. Desdobramento do Interlocutor

3 | WA WA' MÃ | 3

2º ciclo

TR 1. Argumento Nominal

(PASS 1 | HÕ IXÊ KRYJTI | WA WA' MÃ | 3 | 2 | 1
 ↓

TR 2. $1 \{ \text{PASS} \}_2 \{ \text{IXÊ} \text{ HÕ} \text{ KRYJTI} \}_3 \{ \text{WA} \text{ WA}' \text{ MÃ} \}_3 \{ \}_2 \{ \}_1$



TR 3. Deslocamento do Predicado Verbo

$1 \{ \text{PASS} \}_2 \{ \text{IXÊ} \text{ KRYJTI} \}_3 \{ \text{WA} \text{ WA}' \text{ MÃ} \}_3 \{ \}_2 \{ \}_1$



TR 5. Localização do Argumento Objetivo

$1 \{ \text{PASS} \}_2 \{ \text{IXÊ} \}_3 \{ \text{WA} \text{ WA}' \text{ MÃ} \}_3 \{ \text{KRYJTI} \text{ HÕ} \}_2 \{ \}_1$



TR 6. Localização do Passado

$1 \{ \{ \text{IXÊ} \text{ PASS} \}_2 \{ \text{WA} \text{ WA}' \text{ MÃ} \}_2 \text{ KRYJTI} \text{ HÕ} \}_1$



TR 8. Desdobramento do Passado

$1 \{ \text{IXÊ} \text{ PASS} \}_2 \{ \text{WA} \text{ WA}' \text{ MÃ} \}_2 \text{ KRYJTI} \text{ HÕ} \text{ PASS} \}_1$



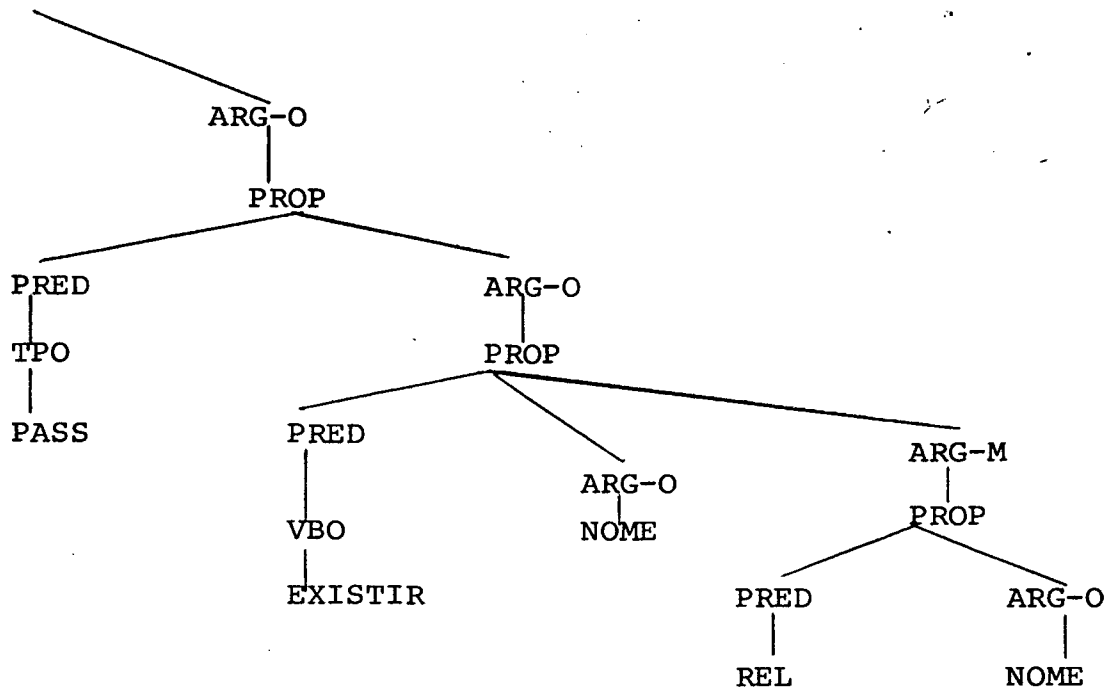
TR 11. Apagamento do limite de Proposição encaixada

$1 \{ \text{IXÊ} \text{ PASS} \} \{ \text{WA} \text{ WA}' \text{ MÃ} \} \text{ KRYJTI} \text{ HÕ} \text{ PASS} \}_1$



TR 13. Redução obrigatória do interlocutor

$1 \{ \text{IXÊ} \text{ PASS} \text{ WA}' \text{ MÃ} \text{ KRYJTI} \text{ HÕ} \text{ PASS} \}_1$

ESTRUTURA 5.

1 | PASS 2 | EXISTIR NOME 3 | REL NOME | 3 | 2 | 1

A esta estrutura pertencem as frases de 73. a 79. Elas corres podem no Português a uma frase indicadora de posse com o verbo "ter". Em Gavião a forma de superfície apresenta ao objetivo do Relator como beneficiário.

Derivação de 73.1º ciclo:

TR 2. Anteposição do Argumento 1

$3 | \{WA \quad M\tilde{A}\} | 3$
 \Downarrow

TR 10. Desdobramento do Interlocutor

$3 | \{WA \quad WA' \quad M\tilde{A}\} | 3$

2º ciclo:

TR 1. Argumento Nominal

1 |PASS 2 |EXISTIR ROP 3 |WA WA' MÃ 3 |2 |1



TR 2. Anteposição do Argumento 1

1 |PASS 2 |ROP EXISTIR 3 |WA WA' MÃ 3 |2 |1



TR 3. Deslocamento do Predicado Verbo

1 |PASS 2 |ROP 3 |WA WA' MÃ 3 |EXISTIR 2 |1



TR 5. Localização do Argumento Objetivo

1 |PASS 2 3 |WA WA' MÃ 3 |ROP EXISTIR 2 |1



TR 9. Supressão II do Passado

1 | 2 |WA WA' MÃ 2 |ROP EXISTIR 1



TR 11. Apagamento do limite de Proposição encaixada

1 |WA WA' MÃ ROP EXISTIR 1



TR 12. Apagamento do Predicado Existir

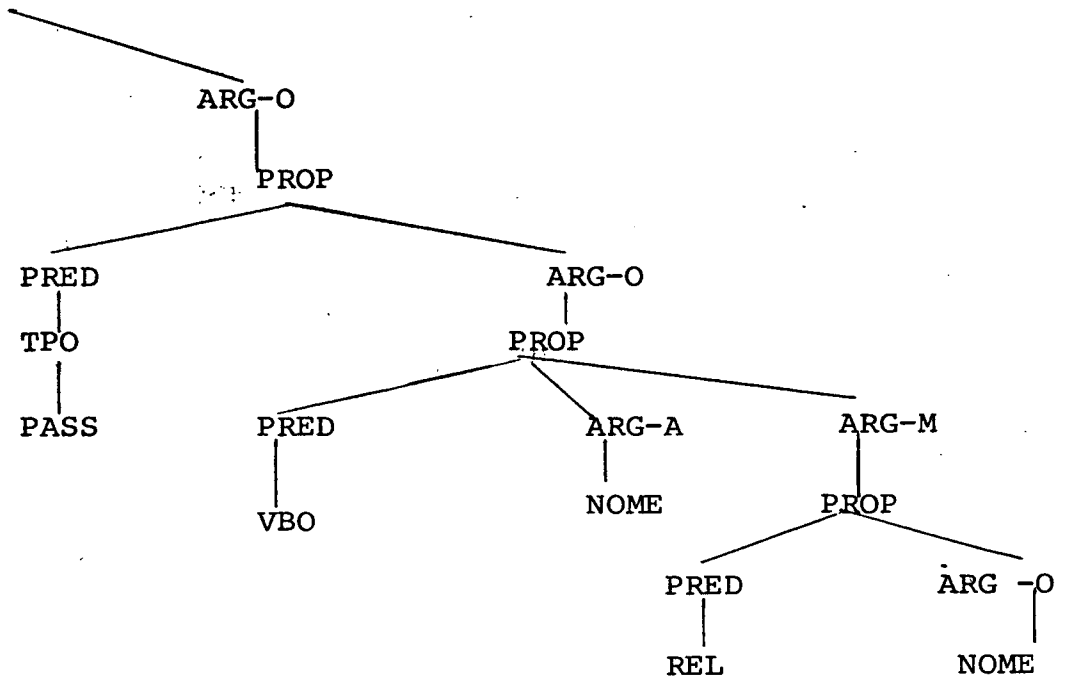
1 |WA WA' MÃ ROP 1



TR 13. Redução obrigatória do Interlocutor

1 |WA' MÃ ROP 1

ESTRUTURA 6.



$_1 | PASS_2 | VBO \ NOME_3 | REL \ NOME |_3 |_2 |_1$

As frases de 80. a 84. enquadram-se nesta estrutura. Meta pode assumir na superfície uma forma de Dativo ou de Locativo.

Derivação de 81.

1º ciclo:

TR 1. Argumento Nominal

| MÃ ROP |



TR 2. Anteposição do Argumento 1

$_3 | ROP \ MÃ |_3$

2º ciclo:

TR 1. $_1 | PASS_2 | AJPIKRA \ KA_3 | ROP \ MÃ |_3 |_2 |_1$

TR 2. ${}_1\{PASS}_2\{KA \text{ AJPIKRA }_3\{ROP \text{ MÃ } \}_3 \}_2 \}_1$



TR 3. Deslocamento do Predicado Verbo

${}_1\{PASS}_2\{KA}_3\{ROP \text{ MÃ}\}_3AJPIKRA\}_2 \}_1$



TR 6. Localização do Passado

${}_1\{KA \text{ PASS}_2\{ROP \text{ MÃ}\}_2AJPIKRA\}_1$



TR 8. Desdobramento do Passado

${}_1\{KA \text{ PASS}_2\{ROP \text{ MÃ}\}_2AJPIKRA \text{ PASS}\}_1$



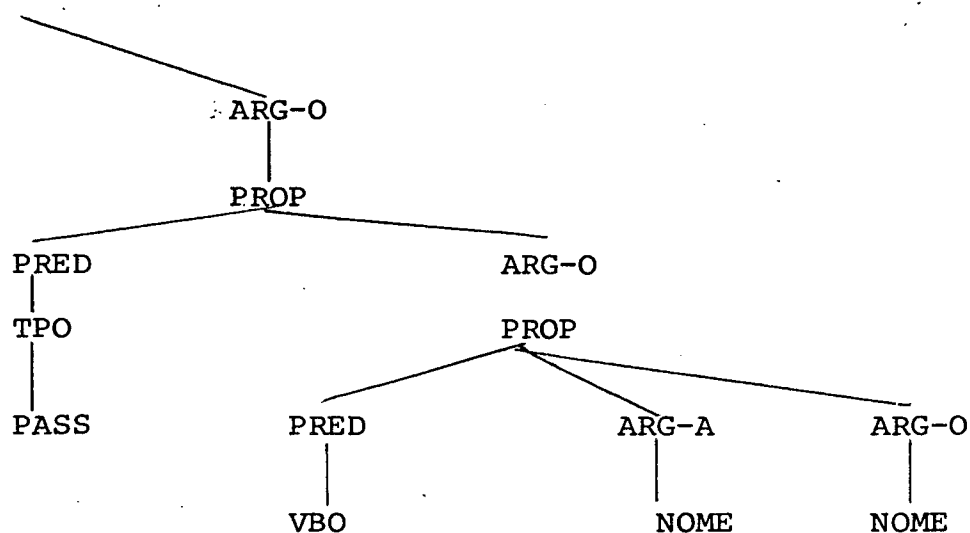
TR 10. Desdobramento do Interlocutor

${}_1\{KA \text{ KA}' \text{ PASS}_2\{ROP \text{ MÃ}\}_2 \text{ AJPIKRA } \text{ PASS}\}_1$



TR 11. Apagamento do limite de Proposição

${}_1\{KA \text{ KA}' \text{ PASS } \text{ROP } \text{MÃ } \text{AJPIKRA } \text{PASS}\}_1$

ESTRUTURA 7.

$_1$ | PASS $_2$ | VBO NOME NOME | $_2$ | $_1$

Enquadram-se nesta estrutura as frases de 85. a 91.

Derivação de 86.

TR 1. Argumento Nominal

$_1$ | PASS $_2$ | AJRÕ AJANÃRE IJÕKRA | $_2$ | $_1$



TR 2. Anteposição do Argumento 1

$_1$ | PASS $_2$ | AJANÃRE AJRÕ IJÕKRA | $_2$ | $_1$



TR 3. Deslocamento do Predicado Verbo

$_1$ | PASS $_2$ | AJANÃ IJÕKRA AJRÕ | $_2$ | $_1$

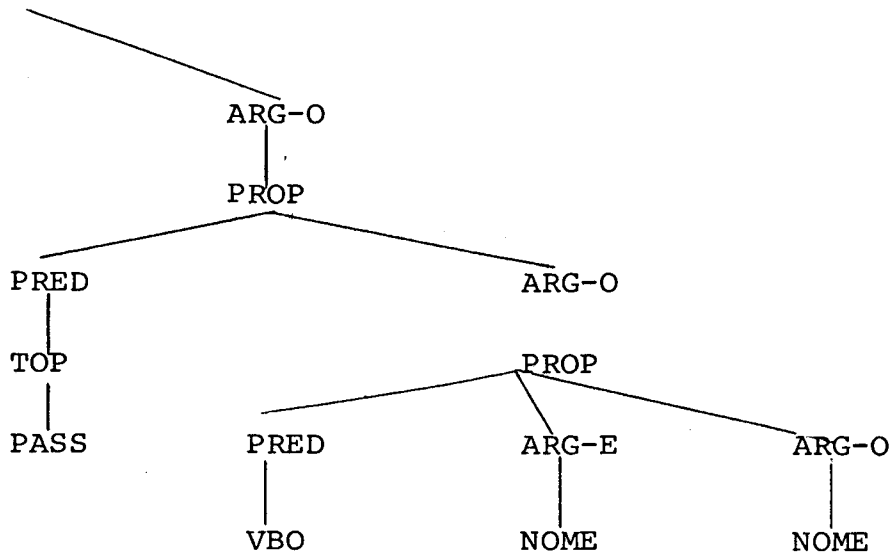


TR 6. Localização do Passado

$_1$ | AJANÃ PASS IJÕKRA AJRÕ | $_1$

TR 8. Desdobramento do Passado

$_1$ | AJANÃ PASS IJÕKRA AJRÕ PASS | $_1$

ESTRUTURA 8.

$_1$ | PASS₂ | VBO NOME NOME |₂ |₁

Pertencem a esta estrutura as frases de 93. a 109 (16)

Derivação de 97.

TR 1. Argumento Nominal

$_1$ | PASS₂ | KRÊ NPOKUTI ATUTI |₂ |₁

TR 2. Anteposição do Argumento 1

$_1$ | PASS₂ | MPOKUTI KRÊ ATUTI |₂ |₁

TR 3. Deslocamento do Predicadô Verbo

$_1$ | PASS₂ | MPOKUTI ATUTI KRÊ |₂ |₁

TR 6. Localização do Passado

$_1$ | MPOKUTI PASS ATUTI KRÊ |₁

TR 8. Desdobramento do Passado

$_1$ | MPOKUTI PASS ATUTI KRÊ PASS |₁

3.4. MATRIZ FONOLÓGICA

3.4.1. Preliminares

O Componente Fonológico deve conter regras ordenadas que levam à matriz fonológica, isto é, ao conjunto de traços fônicos relevantes na língua em questão.

Não chegamos aqui ao estabelecimento de tais regras: elaboramos a matriz utilizando os traços fonéticos propostos em 1968 por Chomsky e Halle, adotando a substituição do traço "vocálico" pelo traço "silábico" no que seguimos a orientação de outros trabalhos posteriores àquela obra.⁽¹⁷⁾ Acrescentamos também um traço "médio" necessário para dar conta das vogais, dada a complexidade do sistema vocálico Gavião⁽¹⁸⁾.

Ao lado dos elementos $|+ \text{ sil} | \quad | - \text{ cons} |$, as vogais, e dos elementos $| - \text{ sil} | \quad | + \text{ cons} |$, as consoantes, encontramos em Gavião elementos $| - \text{ sil} | \quad | - \text{ cons} |$.⁽¹⁹⁾

3.4.2. Traços fonéticos utilizados

Dentre os traços possíveis, o dialeto Gavião seleciona algumas para montar seu esquema de oposições fônicas. É isto que mostramos em seguida:

Principais traços de classe:

soante	(so)
silábico	(sil)
consonantal	(cons)

Traços de cavidade:

coronal	(cor)
anterior	(ant)
alto	(alt)
médio	(med)
baixo	(bxo)
recuado	(rec)
arredondado	(arr)
nasal	(nas)

Traços de modo de articulação: contínuo (cont)

Traços de modo de emissão: sonoro (son)

Traços prosódicos: não há oposição que utilize estes traços em Gavião (20)

Além dos elementos segmentais definidos pelos traços acima, há em toda língua elementos não segmentais que se definem aqui, os chamados "limites". Não trataremos destes últimos.

3.4.3. Classificação dos fonemas

Há duas grandes classes de segmentos fônicos em Gavião: vogais e consoantes, sendo os primeiros bem mais numerosos que os segundos.

Para dar conta das vogais são necessários os seguintes traços: |so|, |sil|, |cons|, |alt|, |med|, |bxo|, |red|, |arr|, |nas|. Damos em seguida a descrição de cada vogal com os traços suficientes para estabelecer a oposição:

1/u/	+ sil + alt - med + arr - nas	2/w/	- sil + rec	2/ũ/	+ sil + alt - med + arr + nas
------	---	------	----------------	------	---

4/o/	+ sil + alt + med + arr + rec - nas	5/õ/	+ sil + alt + med + arr + rec + nas
------	--	------	--

6/o/	+ sil
	- alt
	+ med
	+ arr
	+ rec
	- nas

A oposição entre 1 e 2 é no traço silábico; entre 1 e 3, 4 e 5, no traço nasal; entre 1 e 4, 3 e 5, no traço médio; entre 4 e 6, no traço alto.

7/ɨ/	+ sil
	+ alt
	- med
	- arr
	+ rec
	- nas

8/ɨ̃/	+ sil
	+ alt
	- med
	- arr
	+ rec
	- nas

9/ə/	+ sil
	+ slt
	+ med
	- arr
	+ rec
	- nas

10/ə̃/	+ sil
	+ alt
	+ med
	- arr
	+ rec
	+ nas

11/ɛ/	+ sil
	- alt
	+ med
	- arr
	+ rec
	- nas

A oposição entre 7 e 8, 9 e 10 é no traço nasal; entre 7 e 9, 8 e 10, no traço médio; entre 9 e 11 no traço alto; entre 11 e 12, a oposição é também no traço médio.

12/a/	+ sil
	- alt
	- med
	- arr
	+ rec
	- nas

13

/i/	+ sil
	+ alt
	- med
	- arr
	- rec
	- nas

14

/y/	- sil
	- rec

15

/ĩ/	+ sil
	+ alt
	- med
	- arr
	- rec
	+ nas

16

/e/	+ sil
	+ alt
	+ med
	- arr
	- rec
	- nas

17

/ẽ/	+ sil
	+ alt
	+ med
	- arr
	- rec
	+ nas

A oposição entre 13 e 14 é no traço silábico; entre 13 e 15, 16 e 17, no traço nasal; entre 13 e 16, 15 e 17, no traço médio; entre 9 e 16, 10 e 17 a oposição se faz no traço recuado.

Para dar conta das consoantes são necessários os traços: |cons|, |so|, |sil|, |cor|, |ant|, |nas|, |cont|, |son|. Damos em seguida a descrição de cada consoante com os traços suficientes para estabelecer a oposição.

1

/p/	+ cons
	- cor
	+ ant
	- nas

2

/t/	+ cons
	+ cor
	+ ant
	- cont
	- nas

3

/č/	+ cons
	+ cor
	- ant

4

/k/	+ cons
	- cor
	- ant

5

/ʔ/	- cons
	- cor
	- ant
	- cont

A oposição entre 1 e 2-3 é no traço coronal; entre 3 e 1-2, no traço anterior; entre 4 e 5, no traço consonantal.

	p	t	v c	k	ʔ
cons	+	+	+	+	-
cor	-	+	+	-	-
ant	+	+	-	-	-
nas	-	-	0	0	0

6

/m/	+ cons
	- cor
	+ ant
	+ nas

7

/n/	+ cons
	+ cor
	+ ant
	+ nas

8

/h/	- cons
	- cor
	- ant
	+ cont

9

/r/	+ cons
	+ cor
	+ ant
	+ cont

A oposição entre 6 e 7 é no traço coronal; entre 5 e 8, 2 e 9, no traço contínuo; entre 2 e 7, no traço nasal, assim como entre 1 e 6.

	m	n	h	r
cor	-	+	-	+
cont	0	0	+	+
ant	+	+	-	+
nas	+	+	0	0

3.5. NOTAS PARA AS REGRAS DO COMPONENTE FONÉTICO

Os fenômenos aqui assinalados ocorreram em nosso corpus, seja em palavras isoladas, seja em frases. No Componente Fonético, assim como nos demais, as regras devem ser ordenadas; a sequência em que enunciamos os fenômenos de mudança fonética, nesta secção, não é definitiva face àquela ordenação.

1. Quando precedida de silêncio, uma vogal pode ser precedida de aspiração, ou seja, o silêncio pode ser substituído por uma aspirada antes de segmento $| + \text{sil} |$. Deve ser notado que nem sempre uma aspirada pode, inversamente, desaparecer. Nota-se os exemplos:

[ay'krɛ̃^v] ~ [hay'krɛ̃^v] (10)

[a'ko] ~ [ha'ko] (21)

[i'rã̃^v] ~ [hi'rã̃^v] (87)

[õ'tĩ'ti] ~ [hõ'tĩ'ti] (113)

[he'rɛ̃^v] (67)

[hi] (68)

2. A aspirada inicial modifica-se de acordo com a vogal que a segue e de acordo com o tipo de limite em que se encontra:

[hã'heɾɛ̃^v] (61) [ã'ʔã̃^vɾɛ̃^vya'heɾɛ̃^v] (3)

[ha'hi] (60) ['kraya'hi] cara de paca

[hi'tɛpɛ̃^v] cortar [t0kr0wã^vzi'tɛpɛ̃^v] (frase 15)

[hi'kotu'ti] [i'tazi'kotu'ti] (frase 44)

Nos exemplos acima, consideramos os dois primeiros limites de sílaba por se tratarem de palavras isoladas, nomes compostos⁽³⁰⁾; nos dois outros, vemos limites de palavra.

3. Os segmentos | + cons| | + nas | tornam-se | + sil| quando precedidos de silêncio e seguidos de consoante.

[m'p0] (106)

[m'pɛy] (105)

[n'kri'rɛ] (112)

4. Pode ocorrer, e ocorre com bastante frequência, uma vogal assilábica harmônica à vogal da sílaba tônica, no final de palavra

[r0p0] (119)

[ha'herɛ] (61)

[ay'r0m0] (14)

[a'pɛnɔ] (40)

[a'tsɪnɪ] (58)

5. O elemento |- sil| |- cons| |- rec| pode transformar-se em | + cons| | + cor| | + cont| quando precedendo um segmento | + sil|

[ak'ye] ~ [ak'ze] (17)

[yu'yutu'ti] ~ [zu'zutu'ti] (90)

6. O elemento |- sil| |- cons| | + rec| pode transformar-se em | + cons| |- cor| | + ant| | + cont| quando entre duas vogais.

|ka't^vswa | (92)

-'kru'wa | - |'kru'ba | (100)

7. A respeito das vogais nasais não encontramos evidências de condicionamentos que permitissem interpretá-las como resultado da nasalização de vogais orais e queda do elemento de terminante de tal nasalização.

Encontramos: a) vogal nasal seguida de consoante oral, como em 64 e 75 (corpus palavras); vogal nasal seguida de consoante nasal como em 12, 13, 77.;

b) palavras como 105, 112, quando em contexto mais amplo, provocam a nasalização da vogal que as precede, se esta for fechada, desaparecendo a consoante nasal que antecede a oclusiva; se a vogal que as preceder for aberta, a consoante nasal permanece e não há nasalização. Estes casos fazem desejar um estudo gerativo da fonologia do Gavião e um possível reexame das vogais nasais dos demais dialetos jê para os quais sempre se postula vogais orais e nasais.

NOTAS AO CAPÍTULO 3.

- (1) usamos "radical" com o significado de semantema (Mattoso, 1964 pag). Neste sentido não diferenciamos de raiz.
- (2) o sufixo _ re, "pequeno" será tratado mais adiante, neste mesmo sub-capítulo.
- (3) pode ser proveniente da representação subjacente ou surgir por Transformação de concordância.
- (4) onde se nota que o sufixo _ ti é a realização de superfície de um Predicado Tamanho subjacente.
- (5) a rede não era usada pelos Gavião quando viviam no mato. (cf. Arnaud 1975)
- (6) como de resto em qualquer língua natural. O que se costuma acrescentar são noções de aspecto. Em Gavião o aspecto habitual tem a mesma realização fonológica de Passado, só o contexto permite a distinção.
- (7) Passado só se realiza superficialmente quando há Argumento Objetivo.
- (8) v. 3.1.2.
- (9) quando o arranjo sintático não interessa, separamos os elementos por vírgulas.
- (10) é o caso da TR passiva. Note-se que Fillmore em 1971 rejeita a idéia de ser a preposição "by" introdutora do Agente na representação subjacente.
- (11) na verdade, EU é a pessoa que fala, vista por si mesma e TU é a pessoa com quem o Eu fala, vista pelo Eu. (cf. Ducrot, 1972 pag. 17)

- (12) acreditamos que apenas alguns poucos predicativos, além dos Interlocutores, são atômicos.
- (13) comanda o Predicado Nome sempre que este ocorre.
- (14) importante em Gavião para os termos de parentesco, que têm uma forma que corresponderia em Português à expressão "Falecido"
- (15) acreditamos que deve haver uma relação com a presença do predicado Foco.
- (16) a partir de 110 as frases apresentam outros tipos de predicados, por isso não as analisamos.
- (17) cf. Mira Mateus (1975); Schane (1975),
- (18) Chomsky e Halle (1968) discutem basicamente o Inglês e resolvem a classificação das vogais apenas com os traços alto e baixo.
- (19) enquanto que /y/ e /w/ poderiam ser resultantes de uma regra de modificação do traço vocálico, não nos foi possível encontrar a mesma evidência para /h/ e /?/. Preferimos por isso mantê-las na matriz.
- (20) a intensidade está sempre na última sílaba dos formativos e mantém-se quando há combinação de formativos numa cadeia.

OBSERVAÇÕES FINAIS

Este trabalho tomou como dado um modelo de gramática que supõe como formas subjacentes às sentenças de uma língua, matrizes cujas categorias são de ordem semântica e não sintática, geradas por um conjunto de regras ordenadas. Estas matrizes são representáveis por marcadores em árvore ou por parênteses etiquetados. Tais cadeias são modificadas em seu arranjo sintático até que estejam prontas para receber uma representação fonológica dentro dos limites de fonemas escolhidos pela língua em questão. Uma vez havida a junção entre significante e significado, aplicam-se regras de modificação dos fonemas em ambientes específicos.

A categoria mais alta em uma derivação do discurso é a Sentença (Σ), que pode ser constituída de apenas uma ou de várias Proposições (PROP); a única reescritura de Proposição é Predicado + Argumentos de ordem lógico-semântica, alinhados na ordem em que acabamos de enunciá-los.

Mostramos dentro deste esquema que:

1. Na representação subjacente de toda oração de superfície há apenas as categorias lógicas Predicado e Argumento;
2. A cada Predicado é assinalada uma valência que indica o número de Argumentos requeridos e o tipo de relação, Caso, que cada um mantém com este Predicado;
3. Cada Predicado tem um esquema de casos essenciais, sendo possível a ocorrência de Casos facultativos;
4. O Léxico não existe como um elemento específico na representação subjacente: ele é resultado das regras de um Componente, o Fonologizante ,

que associa sons àquelas cadeias resultantes das regras do primeiro componente.

A respeito da forma de superfície do dialeto Gavião, evidenciamos que:

1. É uma língua acusativa, isto é, o sujeito de superfície nas frases não marcadas é o Agente do Verbo subjacente;
2. Um Relator com seu Argumento subjacentes têm na superfície o Caso do Argumento que os domina, salvo o Argumento Meta;
3. O Argumento Meta subjacente pode realizar-se como Beneficiário ou como locativo;
4. Os sufixos considerados "de tamanho", _ti_re, podem ser fonologização de um Predicado subjacente ou de um elemento surgido por Transformação de concordância.

Limitamo-nos neste trabalho à explicitação da forma subjacente de algumas frases no Componente Lógico-semântico sintático. Estabelecemos também a matriz fonológica, resultante das regras do Componente Fonológico.

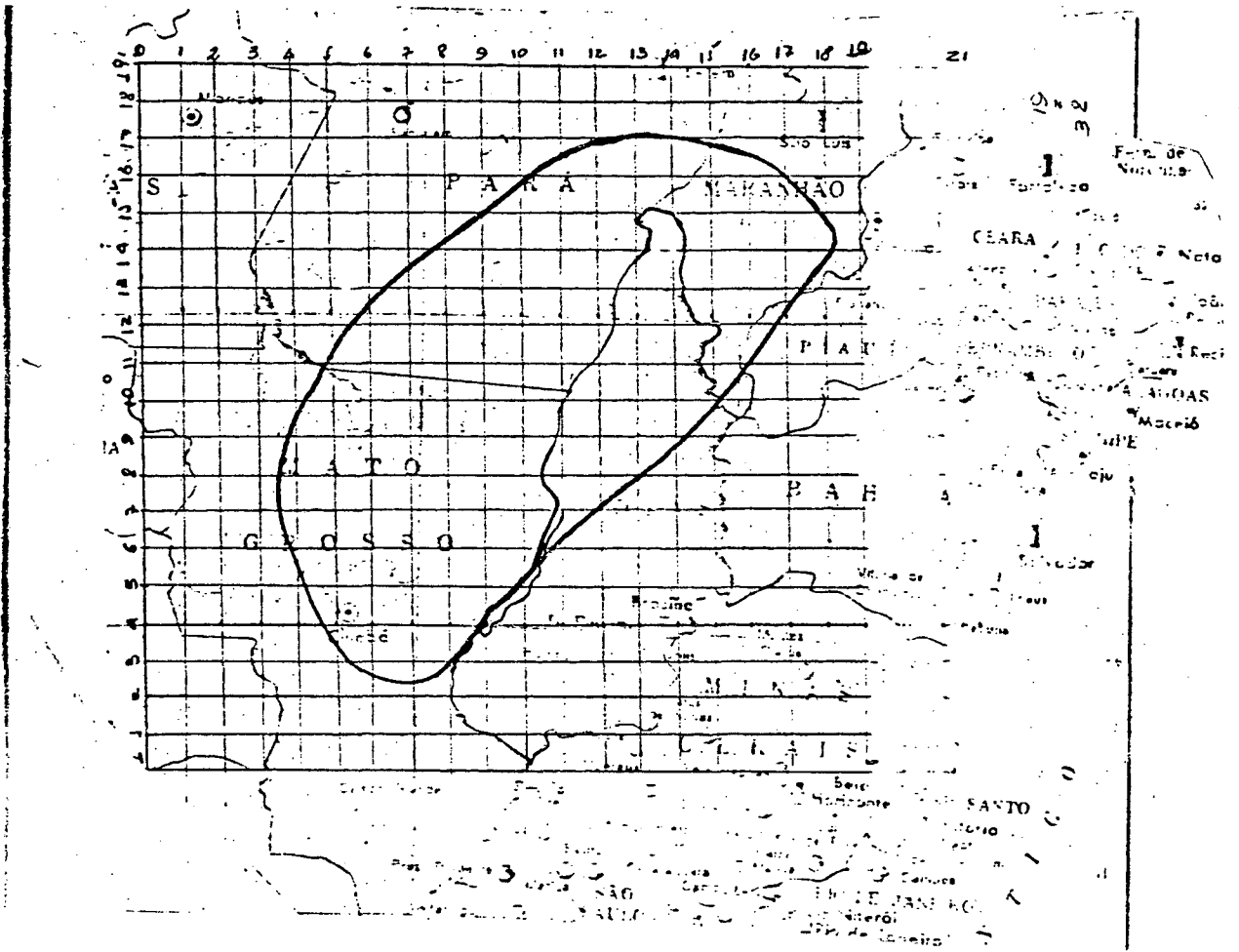
Resta fazer a análise completa do sistema, em linhas gerais:

1. Demonstrar a derivação de representações subjacentes mais complexas, incluindo outros Predicados que não aqueles aos quais nos restringimos;
2. Estabelecer o léxico, isto é, o conjunto de formativos, o que se faz pelas regras do Componente Fonologizante;

3. Estabelecer as Regras do Componente Fonético, algumas das quais aventadas na última parte do capítulo 3.

ANEXO 1.

ÁREA LINGÜÍSTICA DO MACRO-JE (Melatti, 1970; 46)



ANEXO 3.

Este anexo tem a finalidade de introduzir a ortografia que usaremos para o Gavião no decorrer do trabalho. Esta - a oficial para línguas Jê - foi estabelecida pela Portaria nº 211/V/29.10.1974, FUNAI - Brasília.

Apresentaremos aqui uma análise a partir dos Procedimentos propostos por Pike (1971) cujo alfabeto fonético, com modificações já explicadas, utilizaremos nas transcrições. Seremos breves, deixando as discussões que forem surgindo para a seção 3.5. onde serão apresentadas notas visadas as regras fonéticas.

Temos aqui, por ordem de apresentação:

- a) Quadro dos contóides e vocóides;
- b) Análise dos Segmentos;
- c) Quadro dos Fonemas consoantes e voagais;
- d) Descrição dos Fonemas e Alofones com a correspondência ortográfica;
- e) Fenômenos supra-segmentais.

a) Quadro Fonéticoa.1. Contóides

ARTICULAÇÃO		Bilabial	Lábio-dental	Pós-dental	Alveolar	Alveo-palatal	Pré-velar	Médio-velar	Pós-velar	Glotal
MODO	PONTO									
Oclusivas		p		t			k	k	k	ʔ
Nasais		m			n					
Fricativas	su so	b	v			s				h
Laterais					l					
Vibrantes simples					r					
Africadas						tʃ				
Pré-nasalizadas		mp			ɲt		ɲk			ɲh

Duas observações devem ser feitas:

- a) A ocorrência de $|s^v|$ é espantosamente assimétrica neste quadro. Dado que as palavras em que ocorre foram repetidamente testadas e o informante insistiu nele (v. Pike 1971 pag.65b), deixamo-lo figurar no quadro de sons. Ele não foi, entretanto, analisado e por isso não aparece no quadro de fonemas, já que o trabalho não é de forma alguma exaustivo e preferimos deixar o problema em aberto. É de notar que $|s^v|$ só é relevante, dentre as línguas citadas por Davis, no Kaingang.
- b) Nas consoantes pré-nasalizadas a nasal não é sempre homorgânica.

a.2.1. Vocóides orais

	ANTERIORES	CENTRAIS	POSTERIORES
	não-arredondados	não-arredondados	arredondados
ALTOS fechados	y i ĩ	ɨ ɨ̃	w u ũ
MÉDIOS fechados abertos	e ẽ ɛ	ə ə̃ ɜ	o õ ɔ
BAIXOS fechados abertos		ʌ a	

a.2.2. Vocóides nasais

	ANTERIORES	CENTRAIS	POSTERIORES
	não-arredondados	não-arredondados	arredondados
ALTO fechados	ỹ ĩ	ɨ̃	w̃ ã
MÉDIOS fechados	ẽ	ɞ̃	õ

Observações:

1. O contóide [l] e [ɾ] têm articulação pouco tensa;
2. O contóide [s̺] intervocálico tem uma única ocorrência em nos sos dados. Não a desprezamos por ocorrer num radical simples que se repete em um nome composto;
3. O contóide [ʔ] não ocorre em posição inicial de sílaba precedido de silêncio;
4. Os contóides [v] e [ɸ] alternam livremente entre si e com o vocóide [w] , sendo mais freqüente a ocorrência deste último;
5. Depois das consoantes finais há geralmente um glide que parece harmônico à vogal que o precede;
6. Os vocóide [y] e [w] , quando seguem vogal nasal, tornam-se nasalizados;
7. As vogais nasais têm a mesma duração das orais. Quando seguidas de consoante nasal, tornam-se um pouco mais prolongadas, sem chegar a constituir dois tempos.

b) Análise dos Segmentos

1. Segmentos não-problemáticos: contraste em pares mínimos ou análogos, em início, meio e fim de palavras:

[P]	'pa	i.'pa	't ^v sep
[t]	'ta	i.'ta	't ^v set
[k]	'ka		..
[k]	'ke'ᵛrE	ku.'ki.ne.'ᵛre	
[k]	'ko	i.ko	
[m]	'man	i.a.'ma	'tQ.m ^u
[n]	'nḡ	a.nḡ	'ton ^u

[b]	'ba	ku.'be		
[v]	'va	ku.'ve		
[h]	'he.'ʎε	a~.'hoy		
[ʎ]	'ʎOpu	a.'ʎoy		
[l]	'lOpu			
[?]		ʃ.'?ʃ.'ʎε		
[a]	a.'tõ	i.'taʎ	i.'ta	'kʎa
[ɛ]		'pɛrɔ	i.kɛ	
[ə]		'pəpə		'kʎə
[i]		'pɪt	'pɪ	'kʎɪtɪ
[ε]		'tɛpɛ	i.'tɛ	'kʎɛ
[e]		ka.'peʎɛ	i.'he	
[i]	i.'tõ	i.'tik	ke.'ti	'kʎiʎi
[o]		ka.'toʎu	i.i.'to	
[o]	o.'kʎO.ti	'ʎoʎu	i.'to	'kʎo
[u]		'puʎu	i.'tu	

Para a interpretação dos segmentos e pares de segmentos problemáticos faz-se necessário o conhecimento dos padrões silábicos. Passamos a descrevê-los.

1. Posição inicial, precedido de silêncio

V o.'kʎO.ti.'tʃo
 a.'kʎo
 a.'nã
 i.'ta
 i.a.'ma

VC aʎ.'kwa.'nõ.'ʎε
 am.'ʎẽ.'ʎε

2. Posição medial

V	't ^v sa.i.'ti i.a.'ma
CV	pə.tə .' ^v rE tu.tu.' ^v rE to.no.' ^v rE ka.'pɨ.' ^v rE
CCV	ka.' ^v kr0.'ti ka.' ^v pr̃ɔ̃.ni i.kri.' ^v tʂu.ɨ
CVC	ka.'mõk.'ti a.kam.'tE.' ^v rE ka.'pok.'ti.'tʂo
CCVC	k ^v ru.' ^v kruk.' ^v rE k ^v r0.' ^v k ^v r0k ka' ^v prik' ^v rE

3. Posição final, seguido de silêncio

V	^v kr0.wa.'o
CV	kok.'ti ha.'ko i.a.'ma a.'pɨ a.'ñ a.'tõ a.'tõ.' ^v rE

CV	pa.'tš ^v e p0.'r ^v E př.'ka ř ^v ř ř0.'ti te.'r ^v E ta.'tak [^] _o ke.'r ^v E ko.'kon ^o _o mu-.'va n̄
CCV	'kř ^v a 'kř ^v E 'př ^v ř 'př ^v 0
CVC	kok.'ti ken r ^v or ^v u man put.tō.'tōȳ.'r ^v E
CCVC	'kř ^v ot ^u 'př ^v am.'ti 'kr ^v ir ^v
CCVCC	'př ^v ěmp
CCV	ika.'př ^v o i.'kř ^v ř hō.'kř ^v a i.'př ^v E

CVC i.'kuk
 i.'tik
 ka.'t0r^{vu}_^
 a.'hok^u_^
 ka.'pe^{ve}_^
 ay.'r0m^o_^

CCVC ku.'k^vrⁱt[±]_^

2. Interpretação dos segmentos problemáticos e sequências de segmentos problemáticos:

1. Contóides pré-nasalizados: consideramos uma sequência de nasal silábica + consoante, já que as nasais que ocorrem são apenas [m] e [n] acompanhando tanto contóides homorgânicos como de outros pontos de articulação. A premissa de que os sons tendem a ser influenciados pelo ambiente e a de que as línguas tendem à simetria, levaram-nos à interpretação acima referida. Temos, portanto, /mp/ /nt/ /nk/ /nh/.

|'ptia | /p.'tia/

|'mp[±] | /m.'p[±]/

|'nkrE | /n.'krE/

|'nhūm | /n.'hūm/

|'nko'ti | /'nko'ti/

2. Contóide africado: consideramos uma unidade já que os únicos grupos que precedem vogal são de oclusiva mais vibrante. Há uma ocorrência de $|p\underset{v}{z}|$ mas aí o $|\underset{v}{z}|$ parece ser um alofone de $|y|$ como veremos adiante. Temos portanto $/c/$. O mesmo grupo, quando pré-nasalizado passa a ser considerado $/nc/$.

$[nt\underset{v}{se}]$ $/n\underset{v}{ce}/$

$[i'tsop't\underset{v}{sop}]$ $/i'\underset{v}{cop}'\underset{v}{cop}/$

3. Vocóides nasais: consideramos serem vogais nasais puras, unidades, portanto, e não seqüência de Vogal mais elemento nasal. Optamos por essa interpretação em vista de haver pares mínimos em que contrastam oral e nasal correspondentes. Esta é também a interpretação para o Krahô, Canela, Apinaje e Kajapo. Temos assim:

$/a/$ $kr\underset{v}{a}$ $/ã/$ $i'kr\underset{v}{ã}$

$/i/$ $h\underset{v}{i}$ $/ĩ/$ $h\underset{v}{ĩ}$

$/o/$ $kok'ti$ $/õ/$ $kõk'ti$

$/e/$ $ka'te$ $/ẽ/$ $ka't\underset{v}{ẽ}ka't\underset{v}{ẽ}'rE$

$/i/$ $ki'\underset{v}{rE}$ $/ĩ/$ $t\underset{v}{ĩ}r\underset{v}{i}$

$/u/$ $kum\underset{v}{u}$ $/ũ/$ $kũm'\underset{v}{ce}$

4. Vocóides altos $|w|$ $|e|$ $|y|$: consideramos semiconsoantes, já que funcionam como consoantes, i.e., são margem de sílaba. Além disso, $|w|$ varia livremente com $|b|$ e $|v|$, quando intervocálico e $|y|$ varia livremente com $|\underset{v}{z}|$ quando preceden do vogal, seja ou não intervocálico.

/w/ -ba ~ va ~ wa
 ku'be ~ ku've ~ ku'we
 mu'ba ~ mu'va ~ mu'wa

/y/ zūnū^v'rE ~ yūnū^v'rE
 i'k^vže ~ i'k^vye
 'pařaka'te'ž^ve ~ 'pařaka'te'y^ve

5. O contóide [h] : consideramo-lo um fonema já que, como vimos em b.l., ele contrasta em par mínimo com [r^v] . Há aqui o fenômeno de debordamento entre o fonema /h/ e o fonema /y/: o primeiro tem 4 alofones, [h|y|ž^v] e [tš^v] , todos condicionados, como relacionamos abaixo:

h meio de palavra; início de palavra, limite de palavra ou de frase:

ha	hi'kotu'ti
ha'hī	hī ^v rī
ha'he ^v e	hi'he'ti
ha'hi	hōte'kye
hara ^v 'rE	ha'pak
ha'řet ^e	hur ^u

|y| início de palavra, precedendo /a/ /ə/ /ǝ/, limite de sílaba:

ǝ'ǝ^v'rE ya'he^v'rE
 k^vra ya'hi
 i'ko ya'rete'nī^v'rE

|z| p^vři ži'kotu'ti
 pī^vt ži'he'tti

|tš^v | mp0'tsur^{vu}
křa'tš^vš^vn'ti
i'kr^vš^v'tš^v'ti

c) Quadro dos Fonemasc.1. Consoantes

	Labiais	Alveolares	Palatais	Velares	Glottais
Oclusivas	p	t	ç	k	ʔ
Nasais	m	n			
Líquidas		l			
Semi-consoantes	w		y		h

c.2. Vogais

	ANTERIORES		CENTRAIS		POSTERIORES	
	orais	nasais	orais	nasais	orais	nasais
ALTO fechados	i	ĩ	ɨ	ɣ	u	ũ
MÉDIOS fechados	e	ẽ	ə	ɤ	o	õ
abertos	ɛ		ɛ		o	
BAIXOS abertos			a			

d) Descrição e Correspondência Ortográficad.1. Consoantes

- /p/ consoante oclusiva bilabial..... p
realizada como |p| contóide oclusivo bilabial surdo oral
- /t/ consoante oclusiva alveolar..... t
realizada como |t| contóide oclusivo pós-dental surdo oral
- /k/ consoante oclusiva velar..... k
realizada como |k̟| contóide oclusivo pré-velar surdo oral,
diante de vocóide anterior;
|k̠| contóide oclusivo médio-velar surdo
or. diante de vocóide central;
|k̠̠| contóide oclusivo pós-velar surdo
oral, diante de vocóide posterior.
- /ʔ/ consoante oclusiva glotal..... h
realizada como |ʔ| contóide oclusivo glotal
- /m/ consoante nasal bilabial..... m
realizada como |m| contóide nasal bilabial sonoro
|m̠| contóide nasal bilabial sonoro silábico
- /n/ consoante nasal alveolar..... n
realizada como |n| contóide nasal alveolar sonoro
|n̠| contóide nasal alveolar sonoro silábico
- ^v/
/r/ consoante vibrante..... r
realizada como |r̠̠̠| contóide vibrante simples alveolar so-
noro oral;
- /w/ semi-consoante labial..... w
realizada como |w| vocóide alto fechado labializado oral;
|w̠| contóide fricativo bilabial sonoro oral,

em posição inter-vocálica;

|v| contóide fricativo lâbio-dental son
ro oral, em posição intervocálica.

/y/ semi-consoante palatal..... j
realizada como |y| vocóide alto fechado palatalizado or.

|ỹ| vocóide alto fechado palatalizado na
sal, seguindo vogal nasal na mesma
sílaba;

|z^v| contóide fricativo álveo-palatal son
ro oral, precedendo vogal.

/h/ semi-consoante fricativa glotal..... h
realizada como |h| contóide fricativo glotal sonoro, em

meio de palavra e em início de palava
ra, limite de palavra ou frase;

|y| vogal anterior alta fechada assilábi
ca em início de palavra, precedendo
/a/ / ə/ e /ã/, limite de sílaba;

|z^v| contóide fricativo álveo-palatal so
noro oral, em início de palavra, diante
te de /i/, limite de sílaba;

|tš^v| contóide africado álveo-palatal sur
do oral, diante de /u/ /ũ/ /ẽ/.

/ç^v/ consoante oclusiva palatal..... x
realizada como |tš^v| contóide africado álveo-palatal surdo.

d.2. Vogais

/a/ vogal central baixa a
realizada como |a| vocóide baixo central aberto não-arre
dondado oral silábico;

|ã^h| vocóide baixo central fechado não-ar
dondado oral assilábico, seguindo conso
ante final de sílaba cuja vogal é
/a /.

- /ɛ̃/ vogal central média aberta..... ã
 realizada como |ɛ̃| vocóide médio central aberto não ar
 arredondado oral silábico
- /ə / vogal central média fechada oral..... ỹ
 realizada como |ə| vocóide médio central fechado não ar
 arredondado oral silábico;
 |ə| vocóide médio central fechado não ar
 arredondado oral assilábico, seguindo
 consoante final de sílaba cuja vogal
 é / ə / /ɛ̃/ ou /ã/
- /ɨ/ vogal central alta oral..... y
 realizada como |ɨ| vocóide alto central fechado não ar
 arredondado oral silábico;
 |ɨ| vocóide central alto fechado não ar
 arredondado oral assilábico, seguindo con
 soante final de sílaba cuja vogal é
 /ɨ/.
- /ɛ̃/ vogal anterior média aberta..... e
 realizada como |ɛ̃| vocóide médio anterior aberto não ar
 arredondado oral silábico.
- /e/ vogal anterior média fechada oral..... ê
 realizada como |e| vocóide médio anterior fechado não
 arredondado oral silábico;
 |e| vocóide anterior médio fechado não
 arredondado oral assilábico, seguindo
 consoante final de sílaba cuja vogal
 é /e/ /ɛ̃/ ou /ê/.
- /i/ vogal anterior alta oral..... i
 realizada como |i| vocóide alto anterior fechado não ar
 arredondado oral silábico;
 |i| vocóide alto anterior fechado não ar
 arredondado oral assilábico, seguindo conso

ante final de sílaba cuja vogal é
/i/ ou /ĩ/.

- /o/ vogal posterior média aberta..... o
realizada como |o| vocóide médio posterior aberto arre
dondado oral silábico.
- /o/ vogal posterior média fechada oral..... ô
realizada como |o| vocóide médio posterior fechado arre
dondado oral silábica
|ô| vocóide médio posterior fechado arre
dondado oral assilábico, seguindo conso
ante final de sílaba cuja vogal é
/o/ /o/ ou /ô/.
- /u/ vogal posterior alta oral..... u
realizada como |u| vocóide alto posterior fechado arre
dondado oral silábico;
|u| vocóide alto posterior fechado arre
dondado oral assilábico, seguindo conso
ante final de sílaba cuja vogal é
/u/ ou /ũ/.
- /ã/ vogal central média fechada nasal..... ã
realizada como |ã| vocóide médio central fechado não arre
dondado nasal silábico.
- /ẽ/ vogal anterior média fechada nasal..... ẽ
realizada como |ẽ| vocóide médio anterior fechado não arre
dondado nasal silábico.
- /ĩ/ vogal anterior alta fechada nasal..... ã
realizada como |ĩ| vocóide alto anterior fechado não arre
dondando nasal silábico.
- /õ/ vogal posterior média fechada nasal..... õ
realizada como |õ| vocóide médio posterior fechado arre
dondado nasal silábico.

/ũ/ vogal posterior alta nasal..... ũ
 realizada como [ũ] vocóide alto posterior fechado . arre
 dondado nasal silábico

e) Fenômenos Supra-segmentais

A intensidade é previsível: ocorre sempre na últi
 ma sílaba da raiz, qualquer que seja a sua vogal. Em compostos,
 cada palavra guarda o seu esquema acentual.

Duração e tom não têm força distintiva em nível
 de palavra. Elas sã ocorrem em nível de frase indicando ênfase.

ANEXO 4.

(te c/objeto; concordância)

Kutapti te hapan tšĚr^vx
(geju)

Hapŷn te kutapti hĭr^v
(piranha)

Hĕk te tsaiti pĭĝ
(gavião)

Rop te kukĭit kĭr^vĝ katak
(onça)

Tōjre te kuwe pĭr^vE
(Toninho)

Wa_i te ken pĕn^v
(eu)

Ka_i te ikra pĕn^v
(tu)

Īxū te ĭtsekĭtsĭt^v hōr^v
(meu pai)

Mpy te pĕr tō rōp^u kakwin
(homem)

Mpy te hōr^vōti tō rōp^u kapĕk^v
(homem)

ANEXO 5.FICHAS PARA FORMAÇÃO DE FRASES✓
ajpikrare

akêtêti

✓
awrêk

põhy

ANEXO 6.

Vocabulário Comparativo Proto Jê - Gavião a partir da lista de Irving Davis.

N.B. 1) As vogais nasais serão representadas com um til sobre as mesmas; 2) a letra y de Davis foi substituída pelo símbolo ï ; 3) a letra j de Davis foi substituída pelo y; 4) a nasal palatal é grafada ñ; 5) a fricativa palatal é representada por s;

<u>Proto-Jê</u>	<u>Significado</u>	<u>Gavião</u>
1.a	seu	a_,ha_
2.ca,cam	ficar de pé	v ca
3. r,c t	queimar	v cet
4.cwa	dente	wa,_cwa
5.l-ic	meu	i_,ey_
6.ka	você	ka
7.ka-cwa	sal	v mp0cwahti
8.ka-kre,kreñ	arranhar	
9.ka.mrek,mre	vermelho	kap ^v rik
10.ka-mro	sangue	v kapro
11.kañe	estrela	v kacer
12.kaña	preguiçoso	karap ^v ãmti
13.kañã	cobra	kahã
14.kañro	quente	kak ^v 0ti
15.ka-rõ	alma	v karõ
16.ka-zo,-zor	chupar	
17.kə	descascar	k ^v
18.kə,kər	rugir	
19.kəckwa	céu	koykwa
20.kEn	apedrejar	ken
21.kE,-kEc	esquerda	
22.ki	cabelo	
23.ko	chifre	ko
24.-kõ	beber	(t0)kõ,kõm

25.kok	vento	kokti
26.kõn	joelho	-kon
27.kra	filho	-kra
28.krã	cabeça	<u>krã</u>
29.krē	comer	krē,krēr
30.krE	casa,cavar	krE
31.kro	estragado	kr0r0rE-esburacado
32.krĩ	frio	kr
33.krĩz	papagaio	krĩyti
34.ku,kur	comer	kukrē
35.ku-koz	macaco	kokoy
36.kukrĩt	autor	kukrĩt
37.kũm	fumo	kũm
38.kupu	envolver	(0)kupu
39.ku-zĩ	fogo	kuhĩ
40.ku-zõ	lavagem	kohõ,kohõr
41.kwĩr	mandioca	kwĩr
42.ma	fígado	_mpa,_pa
43.-ma,-mar	ouvir	kãmpa
44.mē,mēn	atirar	mē,mēn
45.mEc	bom	mpEy,_pEy
46.meñ	mel	
47.mĩ,mĩñ	jacaré	mĩrE,mĩti
48.mõ,mõr	andar,passeio	mõ,mõr
49.mro,mroc,pr	cinzas	pr0
50.-mu,mũñ	ver	pu,pun
51.mut	pescoço	_put
52.mĩ	rabo	_apĩ
53.mĩt	sol	pĩt
54.mzEn	marido	pien (vivo) _p ^v ze (morto)
55.na	chuva	ta
56.nã	mãe	anã (indireta)
57.nõ,nõr	mentira	nõrE(negação de frase)
58.no	olhar	_t0
59.nĩw	novo	ntuwa
60.nã,nãr	morder	ca,car

66. ñō-to	língua	_ot0
67. ñĩ, ñĩr	sentar-se	žĩ, zĩn
68. no	piolho	_ko
69. no, noc	água	ko
70. nr	seco	krə ^v
71. nrE	ovo	ḥkrE ^v
72. nrE, nrEr	cantar	krE ^v , krEr ^v
73. nrī-rE	pequeno	nkriřE ^v
74. pa	braço	_pa
75. pa	eu	pa(sozinha)
76. pa, par	acabar	pa ^v
77. pām	pai	apam (indireta)
78. par	pê	_pa ^v
79. pat	tamanduã	pətəřE ^v
80. pĩ	árvore, lenha	pĩ (2a acepção)
81. pĩ, pĩr	matar	pĩ(ř) matar c/ flexa
82. po	largo	p0
83. prō	mulher	_prō (esposa faleci da)
84. prĩ	caminho	prĩ ^v
85. pĩ, ci, pĩ-cit	um	ptcitiřE ^v
86. pĩ-ka, -kañ	terra	pika
87. rã	flor	_rã ^v
88. re, rer	nadar	
89. rop	cão	ř0p(tb.onça)
90. ri	longo	_ri ^v ti
91. ta, tam	terceiro	
92. tē, tēm	chegar	tē, tēm (ir)
93. tE	perna	_tE
94. tEp	peixe	tEp
95. -tĩ	pesado	
96. tō	irmão mais novo	atō irmão
97. to, tor	voar	
98. tu, tum	barriga	itu(baixo ventre)
99. tu, tuñ	erva	
100. tĩ, tĩk, tĩr	morrer	tĩk, _tĩ
101. tĩk	negro	tĩk
102. twəm	gordura	twim

103.za-ka	branco	yaka ^v E
104.zako,zakor	explodir	
105.za-ra	asa	_ha ^v a
106.za-re	raiz	_ha ^v E
107.za-rē	contar	
108.zaz-kwa	boca	_a ^v rkwa
109.zi	osso	_hi
110.zici	nome	hi ^v ci
111.zo,zov	folha	_ho
112.zi	semente	hi

BIBLIOGRAFIA

ANGENOT, J-P. et VINKE, L. (s/d), À propos de Q et Imp mineogra
do

ARNAUD, E. (1964), Notícia sobre os índios gaviões de oeste;rio
Tocantins, Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, An-
tropologia nº 20, Belém.

(1975), Os índios gaviões do oeste; pacificação e integração .
Belém, Publicação avulsa do Museu Goeldi

AUSTIN, J.L. (1970), Quand dire c'est faire. Paris, Seuil

BACH, E. (1968), Nouns and Noun-phrases in Universals in Lin-
guistic Theory, B & A eds., New York, Holt Rinehart & Winston

BOSWOOD, J. (1973), Evidências para a inclusão do Aripaktsã no
filo macro-jê. Separata de Série Lingüística nº 1, Brasília,
Summer Institut of Linguistics

CHOMSKY, N. (1975), Syntactic structures. Trad. francesa (1969)
Paris, Seuil.

- (1965), Aspects of the theory of syntax. Trad. francesa (1971)
Paris, Seuil.

- (1970), Deep structure, surface structure and semantic inter-
pretation. in Semantics, Steinberg & Jakobovits (1974) pp.
183-214

- e Halle (1968), Sound Pattern of English

DAVIS, I. (), Jê phonology. in Estudos Lingüísticos nº 1 S.P.

DUCROT, O. (1972), De Saussure à la philosophie du langage, in
Searle, Les Actes de Langage. Paris, H. pp.7-34.

- ELSON, B. e Pickett, V (1973), Introdução à morfologia e à sintaxe. Petrópolis, Vozes.
- FILLMORE, Ch. (1971), Types of lexical information .in Semantics Steinberg & Jakobovits (1974) pp.217-231.
- (1971a), Quelques problèmes posés à la grammaire casuelle in Langages 38. Paris, Didier - Larousse
- GALMICHE, M. (1975), La sémantique générative. Paris, Didier- Larousse
- GILLIY GAYA, S. (1966), Elementos de fonética general. Madrid, Gredos
- GUDSCHINSKY, S. (1965). A técnica da pesquisa. in Mattoso, Introdução às línguas indígenas brasileiras. R.J., Acadêmica.
- HAM, P. (s.d), Apinaye phonology. datilografado
- HARRISON. C. (1976), Gramática assurini Série Lingüística nº 4, Brasília, Summer Institut of Linguistics
- KATO, M.A. (1976), Transitividade verbal e decomposição lexical in Revista Brasileira de Lingüística, vol. 3 nº 1, Petrópolis, Vozes, pp 3-21
- KATZ e Fodor (1963), The structure of a semantica theory. Language XXXIX pp.170-210
- LAKOFF; G. (1968), Instrumental adverbs and the concept of Deep structure, Foundations of Language, vol.4 nº 1 pp.4-29.
- (1969), On generative semantics. in Semantics, Steinberg & Jakobovits (1974) pp 232-296
- (1970), Irregularity in syntax. New York, Holt Rinehart & Winston

- e Ross (1968), Is deep structure necessary?, mimeografado, Indiana University Linguistic Club

LEPSCHY; G. (1971), A lingüística estrutural. S.P., Perspectiva

MATTOSO CÂMARA Jr., J., (1964), Princípios de Lingüística geral, 4a. edição revista e aumentada, R.J., Acadêmica.

- (1965), Introdução às línguas indígenas brasileiras, R.J., Acadêmica

- (1972), Estrutura da língua portuguesa, Petrópolis, Vozes.

McCawley, J.D., (1968a), Where do noun-phrases come from? in Semantics, Steinberg & Jakobovits (1974) pp.217-231

- (1968), Lexical insertion in a transformational grammar without deep structure. Bailey et Darden eds. pp 71-80

MELLATTI, (1970), Índios do Brasil. Brasília, Coordenada.

MIRA MATEUS, M.H. (1975), Aspectos da fonologia da língua portuguesa. Lisboa, Publicações do Centro de Estudos Fonológicos

NIÉGER, M. (1973), La notion de cas dans la théorie de Fillmore, in Problèmes de Sémantique, Montreal, Presses Universitaires de Québec. pp 39-49.

OLIVEIRA FILHO, A.M. (1968), Paleolingüística. R.J., Acadêmica.

PERINI, M.A. (1976), A gramática gerativa. B.H., Vigília

PIKE, K.L. (1971), Phonemics; a technique for reducing languages to writing. 12 edição, Ann Arbor.

- PINTO, L.F. (1976), Os índios gaviões voltaram a dança a festa do hok; eles estão felizes. O Liberal, Belém PA, 06.06.76.
- PONTES, E. (1972), Análise do verbo no português coloquial. Petrópolis, Vozes
- POPJES, J. & J. (1972), Surface grammar of Canela. mimeografado, Summer Institut of Linguistics
- RIBEIRO, D. (1970), Os índios e a civilização; a integração da populações indígenas no Brasil moderno. R.J., Civilização Brasileira.
- RODRIGUES, A. (1967), Grupos lingüísticos da amazônia, Antrologia vol. 2, R.J., C.N.P.Q
- RUWET, N. (1967), Introduction à la grammaire g n rative. Paris, Plon
- SAPIR, E. (1971), A linguagem; introdu o ao estudo da fala. 2a. edi o, R.J., Acadêmica.
- SCHANE, S.A. (1975), Fonologia gerativa. R.J., Zahar.
- STOUT e Thomson (1974), Elementos proposicionais em ora es Kai ap . in Série Ling stica n  3, Brasília, Summer Institut of Linguistics
- VANDRESEN, P. (1968), Fonologia do vestfaliano de Rio Fortuna, tese de mestrado, R.J.